

males transitorios, se com melhor fundamento do que os antigos romanos podem esperar os jubilos do céo?

De resto todas essas glorias, todos esses trophéos, todas essas guerras sanguinarias, essas conquistas injustas e oppressoras não são muito para invejar; são apenas a recompensa temporaria com que Deus premiou o amor da gloria, o qual não é virtude, mas soube conter os romanos na frugalidade e na rigeza de costumes; — são favores com que os demonios protegiam os seus predilectos, porque receiavam menos vê-los vencedores do que emendados, e sabiam que o augmento do imperio traria a luxuria, a molleza, a corrupção; e com ella uma ruina inevitavel.

Se ainda existissem romanos, esse livro seria reputado inaudito escandalo, blasphemia sem par. Vir sobre as cinzas fumegantes, depois de saque e desolação; sob os pés de barbaros vencedores exultar o presente e vilipendiar tantos seculos de triumphos, os antigos heroes não o teriam tolerado. Mas já não existiam romanos; e para Agostinho, para o bispo africano o passado de Roma nada podia dizer: a cidade eterna só lhe suscitava algumas ternas e pungentes recordações de uma mocidade transviada na libertinagem e devassidão; e as façanhas heroicas da sua grande historia encobria-lh'as o interesse mais palpitante da nova religião a firmar e engrandecer. Mas nós estamos collocados em differente e mais vantajosa posição. Para nós a religião está firme e inabalavel; não ha véo que nos esconda a magestade da antiga Roma; e os seus fastos immortaes fallam ainda e nos enthusiasmam o coração, porque n'elle vemos claros espelhos de puro amor

e dedicação pelas liberdades civicas que nos ensinaram a reverenciar.

Catão expirando com a republica romana, não é um typo de santidade, é o patriotismo com toda a energia e realce. Se entrega o filho á clemencia de Cesar, é porque sabia que para a mocidade, depois das decepções politicas, podem ainda raiar consolações e alegrias; mas elle devia morrer porque concentrára todos os seus votos na patria; e, desde que Cesar triumphou, a patria perecera, pois para elle a patria perecera com a liberdade. O heroismo do acto não devia ser dissecado com o escalpelo do casuista. As reflexões e comparações de S. Agostinho são aqui mal cabidas, e a narração singela e primorosa de Plutarcho lhes levam de todo o ponto a palma.

A imagem de Lucrecia se conservará sempre immaculada para os vindouros. No eloquente discurso de Tito Livio brilha ainda, á par de um nobre desejo de vingança, o mais bello arrojo de amor pela patria e pela liberdade. O punhal que atravessou o peito da nobre victima gravou mais fundo nos corações dos romanos o odio á tyrannia.

E se os parentes de Tarquinio tiveram todos o exilio, é porque a raça dos tyrannos é incorrigivel, sacrificando tudo a seus ruins instinctos e por isso não se póde conformar com a imparcialidade da lei, com o jugo salutar da justiça, base das republicas como observa o proprio Tito Livio e demonstra Montesquieu.

O grande doutor não foi feliz com esta allusão; e o parallelo que estabelece entre a corajosa matrona e essas almas tibias e melancholicas que procuravam

no suicidio um remedio ás tribulações d'este mundo, e continuavam, segundo Virgilio, no reino sombrio uma pallida e triste existencia, causa verdadeiramente dó.

Finalmente Regulo não era um beato com o pensamento fixo nos tormentos do Averno e nas fruições do Elysio. Essas idéas tinham pouco poder sobre os homens na antiguidade; e os mortos que se não elevavam á apotheose, trocariam de bom grado, como nota Homero, as doçuras da mansão dos justos pelos gozos da sua antiga vida sobre a terra. Poucos teriam o direito de censurar o illustre romano se não tivesse voltado a Carthago; mas offerecendo-se impavido a um supplicio certo atterrava os compatriotas de Annibal, como outr'ora as chammas em que ardia a mão do impassivel Scevola terrificára Porsenna. Era assim que os heroes romanos mostravam aos inimigos da patria o valor indomavel dos deffensores com que ella podia contar; era essa a idéa que lhes inspirava tão maravilhosos feitos. Ainda aqui uma recordação classica vem abater as palavras do erudito Santo, e uma sublime ode de Horacio levará a magnanimidade do romano á admiração da mais remota posteridade.

Mas sobre tudo isto reina no livro christão uma moral mais pura, dominam vistas mais relevadas do que a antiguidade possuia. As torpezas dos deuses do Olympo são ahi postas em relevo; os ridiculos, os absurdos dos ritos e tradições gentilicas apontadas ao dedo e escarnecidas. E, o que é mais, n'essa lucta o bispo christão-se rodeia de tudo o que havia mais grave e estimado entre os romanos. Moralistas, poetas, satyricos auxiliam-o a destruir os templos. O que agrada sobretudo é que, deprimindo

as antigas divindades, exalta os philosophos mestres das nações, e derrubando os idolos dos altares, quasi n'elles colloca a Socrates e Platão. Em vez de dirigir preces a estatuas impotentes e a tyrannos endeusados, os povos deveriam endereçal-as antes aos seus bemfeitores e aos sabios que os endoutrinavam. Lucrecio é verdade já havia sobre Bacho e Ceres dado a preferencia á moral que nos ensina a bem viver e nos consola nas amarguras da vida ¹; e Jùvenal observara que a vingança cara aos deuses e aos heroes, prazer mais grato do que a propria vida, foi condemnada por Thales e Chrysippo ²; mas esses ataques isolados são aqui enfeixados e assestados com mão certa contra a antiga religião. A parte destructiva é incontestavelmente a parte grande e magestosa do livro; e a verdade que a philosophia classica primava sobre a religião, os proprios mysterios, e toda a antiga civilisação, chegou, como vimos já, aos tempos modernos.

O auctor é menos bem succedido quando argue os neoplatonicos; e as contradicções que nota em Porphyrio e Apuleio poderiam ser recambiadas ao christianismo de

1. Confer enim divina aliorum antiqua reperta :
 Namque Ceres fertur fruges, Liberque liquoris
 Vitigeni laticem mortalibus instituisse ;
 Cum tamen his posset sine rebus vita manere,
 Ut fama est aliquas etiam nunc vivere gentes ;
 At bene non poterat sine pur opectore vivi :
 Quo magis hic merito nobis Deus esse videtur,
 Ex quo nunc etiam per magnas didita gentes
 Dulcia permulcent animos solatia vitæ.

Estes bellos versos são dignos de um christão.

2. At vindicta bonum vita jucundius ipsa
 Chrysippi non dicet idem, nec mite Thaletis
 Ingenium....

então e das épocas posteriores. Estranha o bispo christão que estes philosophos depois de se elevarem á unidade divina applaudam a invocação dos demonios e as práticas da theurgia; mas não eram semelhantes a essas as feições que ia tomando a nova religião. O christianismo com effeito havia muito degenerado da sua simplicidade primitiva e taes transformações n'elle se operaram que o atilado Gibbon não duvida considerar a phase que n'essa época elle apresenta como reaparecimento de um novo polytheismo. Eram por um lado a pompa e riqueza das ceremonias; por outro o culto crescente dos anjos; as tradições que se agrupavam em torno dos nomes dos martyres, cada vez mais reverenciados; a investigação incessante das reliquias; a sêde de historias puerís e maravilhosas de que o proprio bispo dá viva prova terminando a sua obra com a narração de uma serie de milagres mais faceis de contar que de fazer ¹.

N'esse tempo já os bispos se distinguiam dos simples padres. Eram verdadeiros chefes, e administradores. As Igrejas haviam accumulado riquezas, e com a aquisição d'ellas as antigas virtudes tinham afrouxado e empallidecido. Cessára a edade heroica do christianismo — como observa Chateaubriand; — entrava-se na idade philosophica. Uma pleiade de grandes homens, dextros politicos, habéis administradores governavam a Igreja e lhes prestavam valiosos serviços, defendendo o dogma, doutrinando os povos, mantendo a disciplina e conformando-a ás estreitas relações da Igreja com o poder

1. Não que o santo não fizesse milagres. A sua chronica não é d'elles escassa. («Vida dos Santos» Dia 28 d'Agosto.) Tinha sobretudo quêda para expulsar demonios dos corpos alheios; e não havia ainda a imprensa para clamar contra os exorcismos.

civil. Essa sequencia de talentos é tal que Bossuet a reputa verdadeiro prodigio e vê n'ella um effeito directo da protecção divina.

Sobre os mais bispos em breve teve notavel preeminencia o bispo de Roma. O pontificado ia-se destacando do resto do corpo episcopal. Em todas as questões o seu voto tinha incontestavel ponderancia, se é que não era já definitivamente decisivo. Nos ajustes entre as nações barbaras, e os diversos monarchas era sempre o seu nome que sobresahia. Dentro em pouco tambem elle é monarcha; e com o fausto da cõrte crescem-lhe as ambições. De Roma domina o Orbe, lança a seu talante sobre os reis e os povos o anathema e o interdicto, depõe corôas, concede thronos, arma imperios contra imperios, impõe a paz e a guerra, decreta longinquas expedições. Aspira manifestamente á monarchia universal; mira a fundir a christandade em um só corpo em que elle seja o Suzerano dos reis submissos e avassallados.

Roma torna-se o foco de complicadas intrigas e grandes agitações. Mas no meio d'essas luctas, ao mesmo tempo magestosas e ridiculas, magestosas pelo prestigio que cerca o nome do Summo Pontifice, e pelas massas que move; ridiculas pela pequenez das forças proprias de que dispõe; se muitas vezes os povos se rebellam contra o jugo, se os reis recalcitram, se a propria vida do papa corre risco; o seu poder espiritual como chefe visivel da Egreja sobrenada a esses vaivens da fortuna, e paira, sem encontrar serios competidores, cada vez mais elevado acima de todos os outros poderes, de maneira que parece ter de se verificar cabalmente o celebre rifão que diz que «o governo da Egreja foi primitivamente

democratico, depois passou a aristocratico, e ha-de-se transformar em monarchia absoluta. »

A Egreja, tomando posse do mundo, não conservou como já observamos, as suas primitivas virtudes, materialisou-se, segundo a expressão de Michelet. Penetrando nas nações barbaras tornou-se algum tanto barbara e completamente feudal; tendo que lutar com muitos prejuizos, para ganhar em alguns pontos teve de ceder em muitos outros; por isso a reforma que operou nos costumes não apparece subita nem cabal, e o christão não foi moralmente o que devera ser e conservou muitos vestigios do antigo pagão e idolatra.

Mas embrenhando-se na materia a Egreja (e n'isso consistiu a sua virtude e o segredo do seu perpetuo poder) conservou atraz de si uma reserva mais pura e isenta das paixões mundanas.

O monachismo.

O proprio Evangelho faz da vida ascetica exaggerados encomios apontando-a como a summa perfeição. Já antes de Jesus Christo, não só na Judea e no Egypto, e em toda a Asia, até aos confins da India, emfim, em todo o Oriente, almas tristes fugiam para o deserto e ahi se entregavam á contemplação.

A' medida que a Egreja se revestia de galas e attrahia a si as ambições e as grandezas da terra, uma torrente em sentido contrario impellia os enfatiados do mundo, dos palacios, das cidades para as solidões que se povoavam de eremiterios, de lauras, de conventos, asylos da oração, da penitencia e de todos os rigores da mais austera disciplina.

Bem que separados do mundo, esses asylos domina-

vam-o. D'elles sahiram os mais activos Santos Padres. Como os antigos prophetas hebreus, os monges faziam excursões ás povoações, censuravam uns, convertiam outros e deixavam em todos com quem tinham tracto vestigios do seu magico poder. Os monarchas consultavam-os; os povos reverenciavam-os e obedeciam-lhes, os philosophos e pagãos professavam-lhe odio especial, e tentavam ridicularisal-os comparando-lhes a sacola com os alforges de Diogenes e o amor da solidão com a loucura de Bellerophonte (Vej. os versos do poeta Rutilio nos *Estudos historicos* de Chateaubriand).

Ao acabar o imperio romano, ao começar o mundo barbaro, a influencia do monachismo foi immensa. Os conventos civilisaram a Irlanda, e parte de todo o Septentrião. Os conventos conservaram as letras, o dogma, a fé, a moral. Os conventos foram o braço direito de Roma que muitas vezes os temia.

Mas havia no monachismo um vicio interno que não deixou perpetuar o seu poder. Já nas cruzadas sentia-se a sociedade subtrahir-se á sua influencia. As instituições de S. Francisco de Assis não tem a importancia que alguns lhes suppõem; foram apenas arrojos impotentes de utopias sem futuro. Depois a sciencia secularisou-se e desertou os claustros. Os frades enriqueceram e engordaram; o entendimento tornou-se-lhes obtuso. O mundo não ia para elles além do refeitorio; cada ordem encerrou-se em si, fez de si sua *religião*; mesquinhas rivalidades entre essas ordens vieram acabar de aluir essas instituições caducas, e o camartello revolucionario só pôde decepar ruinas.

A derradeira e mais importante criação do monachis-

mo foi a Companhia de Jesus. Não é a sua instituição um facto isolado devido á iniciativa do genio, é uma consequencia logica, o resultado natural do monachismo cujos defeitos e qualidades consubstancia em si. E, cousa singular, o vicio organico que lhe causou a morte está designado com toda a exacção apezar de se bazear nas mais falsas premissas, pela *Deducção chronologica*. O jesuitismo filia-se na realidade á escholastica, á philosophia arabigo-peripatetica; eis a origem e a explicação da sua ingenita fraqueza.

O quadro engenhoso em que o sabio de Estagyra ordena tão artisticamente as operações do espirito humano, não tem por fundamento o estudo directo do pensamento, mas só a sua expressão verbal (Brucker, *Historia critica da philosophia*, tom. I). O homem não foi o objecto immediato da attenção do philosopho grego; e para os escolasticos ainda ficou mais distante. Privada assim a sciencia do que lhe dá vida e actualidade, devia tornar-se um esteril instrumento nas mãos que a maneja-ram; e de facto as mais importantes questões dogmaticas se reduziram a arbitrarias logomachias.

Essa tendencia coadunava-se de resto com o caracter da moral ascetica. Os interesses e as paixões terrestres eram demasiado estranhas ao fiel para que as regras da vida lhe merecessem sérios cuidados. O Bem estava fóra do mundo, no céo; ahi era a verdadeira patria do crente. E a meditação constante nos gozos da bem-aventurança é a mais util occupação a que nos podemos entregar. D'ahi provém — diz S. Thomaz — a superioridade da vida contemplativa sobre a vida prática (*Vita contemplativa multum præstat practicæ*). Um tractado dos de-

veres escripto n'esse espirito não podia ser senão fria resenha de fastidiosas virtudes. Faltava-lhe o interesse e o amor. A caridade difficilmente penetrava ahi; e quando tentavam applical-o á vida activa, o egoismo achava sem custo as falhas do systema. Assim como os Escolasticos mediante subtilezas e distincções demonstravam todos os absurdos em metaphysica; assim os casuistas mediante subtilezas e abstracções mentaes, justificavam todos os vicios, todos os crimes em moral. O Probabilismo é filho legitimo da escolastica, já d'elle occorrem vestigios na *Summa*; e despontou primeiro na logica do que na moral.

Mas o defeito capital do monachismo que envolve todos os outros defeitos, foi a falta de liberdade, a obediencia passiva a que se condemnavam os monges. O frade depunha o seu livre arbitrio nas mãos do seu superior. E n'esse ponto o jesuitismo era a exaggeração de todas as ordens monasticas. Para com os seus chefes o jesuita devia ser como um cadaver — *perinde ac cadaver*. Sim, cadaver, porque o sopro de vida que tornára proficua a sua acção sobre a sociedade, já se tinha afastado dos conventos; verdadeiro cadaver semelhante a esses tegumentos informes que rompe a chrysalida quando vôa vibrando as azas scintillantes estimulada pelo ardor da propagação.

As ordens monasticas pereceram; mas o christianismo não estava indissolovelmente ligado com ellas. O pontificado permaneceu cheio de vida e futuro; o clero existe prompto a regenerar a sociedade unindo-se e estreitando-se com ella.

Assim no exterior, no primeiro plano, a administração

da Igreja, o governo dos bispos, a origem e augmento do poder papal e a sua influencia na civilisação; mais no interior, como base, o monachismo em todas as suas phases e a sua acção sobre o mundo; no fundo, como alma e mola secreta de todas essas evoluções sociaes, os preceitos da philosophia prática, o código dos deveres, a sciencia da vida, tal qual a delineára a nova religião, eis o assumpto do seguinte capitulo que da mais importante parte do seu triplice objecto toma a epigraphe de *Moral christã*.

CAPITULO V

A MORAL CHRISTÃ

ANTES de proseguirmos no nosso empenho, resumamos o que havemos escripto para fixar os pontos que por ventura não ficassem bem determinados.

Notamos no entendimento humano idêas adventicias; e principios fundamentaes, noções innatas. As primeiras podem ser fornecidas pela experiencia ou deduzidas do raciocinio. A auctoridade só nos dá aquellas, ou, pelo menos, os factos que nos ministra recebem o cunho de verdades experimentaes e não se elevam á racionalidade. Portanto, não ha aqui mysterio, nada ha superior á razão; não tem aqui cabida a fé theologica, segundo a interpretação geralmente admittida do texto acima citado de S. Paulo ¹. As noções fundamentaes

1. Vid. pag. 34. O que não apparece (non apparentium) interpreta-se o que a razão não concebe.

tambem não podem ser objecto da fé, quer d'ellas haja uma theoria satisfactoria, quer a sciencia não encontre meios de explical-as. São crenças instinctivas do entendimento, mas são inherentes á natureza humana, não são sobrenaturaes. Permanecem nos umbraes da razão, mas não são revelação milagrosa do céo.

Attentem com effeito que a designação d'essas noções é já uma tentativa para as explicar; e por isso se ha aqui revelador, é unicamente o philosopho que primeiro as nomeou. Assim todo o dogma em cuja formula entram os vocabulos *essencia*, *accidente* ou qualquer outra categoria aristotelica, não se deriva do evangelho; e julgal-o como inseparavel do christianismo, é collocar o philosopho grego ao lado de Jesus, ou antes substituil-o a elle. Certos auctores escolasticos não estiveram muito longe de tomarem essa resolução.

Trazido o dogma ao seu verdadeiro terreno, á metaphysica, mostrámos depois que elle se resolve sempre em preceitos moraes. Tem com effeito elle por objecto a Deus considerado como providencia, e por isso mira necessariamente ao fim da humanidade e á sciencia dos deveres. A parte moral dos dogmas não se descobre sempre facilmente. Muitos ha que parecem inuteis; mas é a nossa vista que é fraca e pouco penetrante. Tendo produzido o seu effeito, o dogma parece naturalmente fenecer. Mas notem que tendo o dogma por objecto a Divindade, das duas partes de que é composto, a parte immutavel é a luz da eterna verdade, a parte que varia são as noções do nosso entendimento mais ou menos allumiado por ella.

E' por tanto o dogma a manifestação cambiante de

um fundo invariavel que transparece através as suas successivas mutações ; e portanto só se transforma, não morre.

Dissemos finalmente que primeiro brilha o sentimento moral que contém implicitamente em si o preceito ; e que o dogma só apparece para trazer á luz esse preceito e formulal-o em leis reflectidas e sobrepensadas ; que por isso o revelador não carecia da sciencia mas só da virtude, da caridade e da dedicação pelos homens, e que era necessario para avivar n'elles os instinctos santos pelo enthusiasmo que lhes sabia accender no peito.

Bem que esse revelador viva no tempo e em uma época determinada, a sua missão póde transcender o tempo e elevar-se á eternidade ; porque se a virtude do missionario fôr de ordem tal que os seus instinctos se confundam com o plano da Providencia, Deus contemplando o missionario contempla o seu filho predilecto, o seu Verbo, o fim que ha imposto á criação.

Aqui o assumpto por sublime ganha singular obscuridade e excede completamente o alcance da intelligencia humana.

Não podemos sequer entrever o modo porque funciona o pensamento de Deus ; não nos é dado conceber como de um só relance abrange a universalidade das cousas, distinguindo-as todavia claramente umas das outras. Desde que fitamos as idéas na essencia suprema, desde que lhe marcamos attributos, destruimos a sua primitiva simplicidade, reconhecemos n'ella phases, descemol-a das regiões eternas em que permanece para a trazer á successão em que a nossa existencia se passa.

Porém como na série de phenomenos que nos transitam pela consciencia, transluz certa ordem necessaria, certo encadeamento fatal; como cada um d'esses elementos não se concebe nem existe de per si só, mas depende do todo de que fórma parte, reconhecemos, mediante essa harmonia, uma unidade superior e cremos na realidade de Deus.

Se portanto a natureza divinã na sua essencia absoluta nos é inacessivel, a harmonia da variedade criada nos dá pelo menos d'ella uma fraca imagem; para nosso uso podemos d'esse modo substituir á simplicidade do ser supremo uma serie de attributos e faculdades, e em vez de uma cogitação immutavel distinguir na sua consciencia idêas e affectos singulares ¹.

Não ha cousa, por mais insignificante que se repute, em que o pensamento divino não leia a universalidade dos successos mundanos; por isso disse Leibnitz que cada monada reflectia em si o universo; mas para as nossas acanhadas vistas, factos occorrem cujo influxo sobre o futuro é mais saliente; homens apparecem que imprimem com mais energia o cunho da sua individualidade sobre as épocas por vir, representam melhor as que lhes são contemporaneas, e resumem mais cabalmente as que os precederam (Guizot, *Historia da civilisação na Europa*).

E' este o fundamento da philosophia, da historia e de toda a theoria sobre os grandes homens.

Póde d'esse modo Jesus offerecer-nos em si o resumo de

1. Toda esta doutrina adoptada pelo geral dos metaphysicos, tem por fonte o «Parmenides» de Platão, dialogo obscurissimo, desespero dos commentadores; aclaram-o até certo ponto, algumas passagens do «Theetetes», e sobretudo o «Gorgias» no importante trecho em que Socrates substitue á unidade a harmonia e a classificação.

todos os elementos fecundos e vitaes que existiam na historia do povo hebreu, como pretende Ewald, e até de tudo o que devia ser aproveitado na antiga civilisação. Todos os successos da historia antiga parecerão encaminharem-se e convergirem ao grande successo, serão uma simples preparação para a vinda do Redemptor. A interpretação anagogica dos padres da Egreja terá assim certo valor philosophico, será como o lado divino da historia, sem que ella seja todavia menos natural ou mais milagrosa.

Podem egualmente as prédicas do Christo conter em germen todos os progressos moraes da humanidade e portanto ser elle perpetuamente para nós um glorioso e saudavel guia.

A primeira d'estas supposições já o não é; póde-se ter como demonstrada pelos factos. Do ponto de vista em que estamos collocados, a tendencia dos successos historicos torna-se manifesta. E' impossivel desconhecer a mão superior que os dirige, e aplanar o caminho a Jesus. Roma absorvendo o mundo em si; as religiões amalgamando-se e confundindo-se com a philosophia tornada mystica; o predominio do espirito oriental; a diffusão do judaismo; a propria traducção em grego dos livros hebreus, circumstancias todas favoraveis ao christianismo, põem patente que ha nas acções dos homens mais do que elles lhes dão; que ha um impulso de cima, um motor secreto a que fatal e cegamente obedecem. Grandes engenhos tem vantajosamente tratado este assumpto; e estas verdades, bem que sublimes, estão de todo vulgarisadas. As proprias mudanças occorridas no imperio romano, nos seus costumes, nas suas leis, na sua

administração, foram proficuas á Egreja, e vê-se assim cumprir a promessa do seu divino instituidor que a protecção celeste sempre estaria com ella.

A segunda proposição prova-se com mais difficuldade. Só podemos apontar a mudança profunda que o christianismo causou na sociedade, os aperfeiçoamentos que lhe trouxe, e os que d'elle tem ainda a esperar, quanto dista ainda dos que o Evangelho nos indigita.

Lancemos pois as vistas sobre a historia da formação da Egreja, e primeiro que tudo examinemos a sua parte externa, a sua administração.

Nos proprios Evangelhos se acha instituido o papado. As palavras de Christo são terminantes.

Perguntava elle aos apóstolos, para os tentar, quem julgavam que elle Jesus era.

Pedro, com aquelle zelo feroso que o torna um dos vultos mais salientes e sympathicos dos sagrados textos, responde logo: Tu és o filho do Deus vivo.

Jesus, evidentemente lisongeadado com essa manifestação da fé do discipulo predilecto, replica-lhe:

17. Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelou, mas o meu pae que está nos céos.

18. E eu te digo, que tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei a minha Egreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

19. E dar-te-hei as chaves do reino dos céos, e o que ligares na terra será tambem ligado no céu; e o que desligares na terra será egualmente desligado no céu.
(Math. XVI.)

17. Beatus es, Simon Bar-Jona quia caro et sanguis non revelabit tibi, sed Pater meus qui in cœlis est.

18. Et ego dico tibi quia tu es Petrus et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam et portæ inferi non prevalebunt adversus eam.

19. Et tibi dabo claves regni cœlorum; et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cœlis, et quodcumque solveris super terram erit solutum et in cœlis (Math. XVI.)

Mas podia Jesus Christo prophetisar os gloriosos destinos reservados ao pontificado, podia prevêr Gregorio VII e Innocencio III?

Ha n'este nosso trabalho uma grande lacuna. Falta-nos demonstrar a impossibilidade da prophecia. A economia da obra já não nos permite tratar o assumpto com a especialidade e desenvolvimento que requeria. Apenas n'este logar em que fallamos da intima natureza da divindade podemos tocar os pontos capitaes da questão.

Não havendo para Deus tempo nem successão, e na imagem que formamos da sua consciencia sendo o plano providencial do mundo o motivo da sua acção, parece não repugnar que o futuro reaja sobre o presente, que as causas finaes sejam causas efficientes tambem. E' esta a these fundamental do modo de interpretar a natureza adoptado pelos discipulos de Hegel.

Burdach accrescenta que a crença nos oraculos, nos agoiros, nos presentimentos é commum a todos os povos, e portanto natural ao genero humano; que todo o instincto é realmente uma prophecia, e até se inclina a pensar que nos sonhos a alma desprendida da individualidade póde entrever o futuro.

Observemos primeiro que a these fundamental póde ser verdadeira nas regiões divinas, em que as idéas tem força creadora, e ser falsa no mundo, em que todos os phenomenos se reduzem a movimentos da materia que se não gasta nem consome.

Suppôr que Deus nos infunde o dom de prophecia é fazer da these uma ponte da terra ao céo, é dar-lhe uma natureza amphibia e heterogenea, é conserval-a, parte onde ella é verdadeira, parte onde ella póde ser falsa e effectivamente o é. A idéa só se torna prophetica quando desce da eternidade ao tempo, quando penetra na nossa consciencia; e então, se é inspiração divina, deve apparecer como conclusão racional e não como visão phantastica. Pois, como já dissemos, Deus communica-se á alma pela razão, não pela phantasia. E toda a prophecia supersticiosa, todo o oraculo é uma visão phantastica.

Por isso Platão nos seus dialogos e principalmente no *Menon* antepõe a sciencia á prophecia. No *Theologico politico* tambem ha paginas que deveriam ser meditadas pelos amigos da philosophia, antes de se abalançarem a emittir opiniões tão levianas.

Dizer que nos sonhos a alma se desprende mais da individualidade, é pronunciar palavras destituídas de sentido. A consciencia ou antes a attenção empregada em uma idéa póde ter grãos. A individualidade não os tem. E' ou não é. Se a alma se perde na substancia divina, as suas idéas já não podem ser propheticas; vê, não prevê o futuro. Se conserva a sua individualidade, as idéas que recebe de Deus não se podem manifestar em oraculos pelo que acima se disse.

Tambem o instincto não é prophecia: as aves que

emigram ao chegar o inverno, não o presagiam, como vulgarmente se repete. Não dizem: aproxima-se o tempo do frio, fuja-mos; se o dissessem seriam aconselhadas pela reflexão, não pelo instinto. Tão longe está o instinto de provar a prophecia, que para explicar o das aves admittimos forçosamente que ha uma causa que impressionando os seus órgãos, as impelle a emigrar. Essa causa existe em mudanças atmosphericas, prelude para todos do inverno, annuncio só para os que se auxiliam da experiencia e reflexão. Podemos investigar as causas finaes e elevar-nos com Bernardim de Saint Pierre por meio d'ellas ás harmonias da natureza, mas nunca poderemos d'esse modo conseguir explicação alguma scientifica dos factos. O destino, a funcção de um órgão não nos indicam a maneira porque este se formou: e dizer que o sangue alimenta o corpo, não é apresentar a theoria da digestão e da hematose.

Finalmente, as crenças nos presentimentos, nos oráculos e agouros pertencem mais ás épocas barbaras em que dominam os milagres e as superstições do que aos tempos illustrados, e não são naturaes ao homem, porque não são conducentes ao seu destino, que é ser guiado pela razão. Não fallamos aqui do sentimento moral porque não póde fornecer elemento algum de presagio. Desgraçado do que der ouvidos aos enganos de fóra, o que ceder ás vozes vagas que lhe anceiam o peito; em breve tornar-se-hão monstros que o precipitarão allucinado no reino dos sonhos e dos prestigios. Se pelo contrario afastar uns com perseverança, abafar as outras com energia, seguindo sem se deter pela estrada que lhe indicarem a razão e o dever, essas imagens se dissiparão

e ao descansar das lidas rir-se-ha das puerilidades que ainda agora o amedrontavam.

Terminada esta digressão indispensavel, voltemos ao assumpto proprio d'este capitulo.

As interpretações dos protestantes do texto acima citado são singulares.

Luthero pretende que Jesus depois de ter dito ao apostolo: « Tu és Pedro, » batera no proprio peito, exclamando: « e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja. » Não era pois a pedra Pedro, era o Christo verdadeira pedra angular, verdadeira base da egreja.

Lightfoot não é mais sensato. As chaves do reino dos céos confiadas a Pedro não lhe dão encargo e prerogativa alguma especial; significam que elle foi o primeiro a prégar; que abre o caminho aos outros apostolos sem ter outra vantagem ou preeminencia sobre elles; é apenas o *primus inter pares*; vae na dianteira dos seus iguaes.

No seu rancor pelos catholicos, o erudito inglez torna-se por vezes comico e até ridiculo. No meio de uma dissertação, quando cuida apanhar uma idéa que lhe é contraria, exclama repentinamente:

« Não te envergonhas, ó adorador do papa, — *non te pudet, o papicola?* »

As idéas de Luthero não se discutem. Expôl-as é refutal-as. As palavras de Christo envolvem manifestamente um elogio dirigido a S. Pedro, contém uma recompensa da sua fé, e portanto devem conferir-lhe uma prerogativa e uma honra. Pelo que toca a Lightfoot, S. Pedro não abriu, elle só, o caminho ao apostolado; todos os apostolos, todos os discipulos começaram junta-

mente a evangelisar quando receberam o dom das linguas na descida do Espirito Santo (*Act. dos Apost.*)

Mas a questão póde ser atacada por outro lado.

Os protestantes contestavam simplesmente o sentido de uma passagem, punham em duvida uma interpretação; o critico póde duvidar do proprio texto.

Em quanto os escriptores estiveram presos a preconceitos religiosos, o texto do Novo Testamento era tido como inspiração do céo que deviam forçosamente aceitar; só lhes cabia explical-o de maneira a melhor accommodal-o ás idéas que possuíam. Aqui protestantes e catholicos estavam no mesmo terreno.

Mas os livros evangelicos não concordam entre si de uma maneira absoluta, contém discrepancias incompatíveis com a supposição de uma inspiração divina; por isso, desde os primeiros seculos do christianismo, apparecem tentativas de os conciliar. N'essas *harmonisticas* ou *concordancias* um facto diversamente narrado por dous evangelistas considera-se sempre como dous factos distinctos; uma parabola, um discurso citado em dous textos com algumas alterações, é tido como duas parabolas, dous discursos. Apresentavam Jesus Christo assim repetindo continuamente os mesmos actos, os mesmos discursos, as mesmas parabolas sem razão alguma plausivel; porém esses symptomas de impotencia da parte dos harmonistas eram só percebidos pelos theologos de profissão. Os crentes em geral, os litteratos, os proprios eruditos liam, admiravam, utilisavam os Evangelhos sem cuidarem d'essas minudencias.

Mas o moderno espirito de investigação, fortalecido pela erudição e a critica, lançára-se já no estudo dos mais

remotos tempos, reconstruira as antigas cidades, evocára á vida extinctas gerações.

Pelas lucubrações de sagazes e doutos escriptores, a historia tomára nova face; apresentava-se sob differente aspecto; as proprias crenças não se poderam subtrahir ao poder do erudito e do philosopho, e a sciencia das religiões enriqueceu com novos laureis o espirito humano. O conhecimento mais completo das nações orientaes mais propensas ao mysticismo veio dar novos attractivos ás fabulas dos Gregos; divisou-se n'ellas uma significação mais profunda; em todas as religiões reconheceu-se elementos communs, certa filiação entre si, certos caracteres dependentes da indole dos povos sobre que dominavam; a philosophia hegeliana eminentemente historica e tradicional, penetrou-se d'essas idéas e fecundou-as; os eruditos entregaram-se com amor ao estudo das velhas legendas religiosas, diante das quaes se abriam vastissimos horisontes; Gærres escreveu a sua *Historia dos mythos*, Creuzer a sua grande *Symbolica*, e Ottfried Muller os *Prolegomenos para uma mythologia scientifica*.

A Palestina não podia ser a unica a escapar a esse impulso; e já em 1820 Bauer publicava a sua *Mythologia dos Hebreus*. A historia do povo de Israel teve de se remodelar. Toda a parte anterior a Esdras passou aos tempos heroicos como já o havia previsto Spinoza. O progresso dos estudos historicos, e da philologia comparada não consentia que o povo Judeu conservasse o character excepcional que d'antes tinha. A lingua hebraica não podia continuar a ser reputada a lingua original do genero humano; o *Genesis* deixou de apresentar

a narração authentica dos primeiros delineamentos da Creação, reduziu-se a uma cosmogonia poetica, nivelou-se com o *Xu-King*, os *Vedas* e o *Avesta*; Moysés veio collocar-se ao lado de *Kong-Fu-tzeu* e *Zoroastro*, e Abrahão se esvahiou nas regiões mythologicas.

Os processos da critica moderna eram facilmente applicaveis ás antiguidades da nação hebreia; mas os primeiros tempos do Christianismo não lhe offerciam as mesmas proporções.

A philosophia, se não criou a escola mythica, pelo menos aprofundou cuidadosamente a formação das crenças, dos mythos, das legendas e das tradições, e deu sobre o assumpto theorias engenhosas e subtís, senão satisfactorias. Ottfried Muller applicou-as com maravilhoso talento ao estudo das fabulas hellenicis. Strauss subordinando ás mesmas doutrinas a vida de Jesus, não teve um exito tão brilhante, apesar da sua incontestavel pericia.

A época do Christo era rigorosamente historica; e embora seja verdadeira a observação que os tempos historicos não começam para todos os povos juntamente, a nação judaica, já ha muito havia abandonado os dominios da phantasia. Philon, comquanto mystico, José, comquanto credulo, os proprios livros canonicos de Esdras e dos Macchabeus denunciam um povo acostumado ha muito a conter a phantasia nos limites de apurada reflexão.

Fôra melhor talvez dizer que os primeiros christãos pelo seu enthusiasmo e ardor da sua fé se achavam em condições analogas ás que caracterisam as épocas barbaras e fabulosas. Pois, como já observamos, não ha demar-

cação precisa entre os tempos históricos e fabulosos; os homens das duas eras tem a mesma natureza; sómente em um domina a paixão e a phantasia; n'outro a reflexão e a analyse.

Assim os tempos heroicos tinham cessado para as nações velhas e caducas; e despontavam para a nova sociedade que se erguia.

Que nos primitivos tempos do christianismo se deram mythos, se criaram legendas, é incontestavel. Basta esse montão de livros apocryphos que nos dous primeiros seculos da Egreja se compozeram e acreditaram, para o demonstrar cabalmente. Nota-se nos evangelistas manifestos desejos de amoldarem os actos de Jesus a um certo padrão de antemão traçado; mas esses desejos não nos auctorizam a reputal-os auctores d'elle. Se o dever de um historiador, na opinião do theologo Paulus, se limita a extremar cuidadosamente as idéas de quem escreve dos factos que narra; a tarefa do que nos pretende mostrar a formação dos mythos é muito mais ardua e embaraçosa; e o seu desempenho completo me parece de todo o ponto inexequivel ou pelo menos carece do soccorro de hypotheses arbitrarias que difficilmente se legitimam. Um escriptor eloquente póde-nos pintar as crenças dos fieis com toques cada vez mais vivos até as converter em imagens sensiveis; mas o quadro, por mais perfeito que seja, não poderá soffrer uma rigorosa analyse e deixará sempre o espirito nas trévas. A legenda, producto espontaneo da phantasia, escapa á reflexão, que debalde se cança em perseguil-a pelos recantos da consciencia. Por outro lado toda a historia baseada em conjecturas não consegue a ver-

dadeira unidade por mais talento que n'ellas empregue o historiador. A origem da fabula de Marsyas que Apollo esfolou é attribuida por Muller a uma illusão singular; e os motivos politicos que para as suas instituições religiosas Tito Livio suppõe em Numa, como se este lh'os houvera segredado ao ouvido, estão ainda muito longe dos colloquios da nympa Egeria.

Pode-se, para toda esta theoria dos mythos, legendas, sua formação e distincção, consultar a *Symbolica* de Creuzer na traducção franceza de Guigniaut. N'ella vem expostas as idéas de Gœrres que pouco differem das de Muller e Jorges citados na *Introducção* de Strauss. D'esta extractamos as duas explicações a que acima alludimos, fazendo-as preceder d'algumas notaveis reflexões de Muller que esclarecem o assumpto, e, ao mesmo tempo, confirmam o que asseveramos.

« Como se hão de conciliar estas duas antinomias, a saber: que no mytho se acha incorporada no facto uma idéa pura que nunca teve realidade historica; e que todavia os mythos sejam sempre reputados verdadeiros? Essa idéa talvez digam, sem realidade historica, é apenas uma ficção revestida das fórmulas de uma narração; ora uma semelhante ficção, a qual exigiria harmonia completa nos planos, na invenção e na exposição, só poderia por milagre ser produzida por diversas pessoas separadamente ao mesmo tempo. Logo deve ter tido um só auctor. Mas como poudesse esse individuo convencer a todos os demais que a sua invenção não era falsa?

« Admittiremos nós que era um impostor astuto que teve arte de persuadir os outros com illusões e apparencias

vãs, ajudado por compadres que attestavam ao povo haverem visto o que elle contava? — Ou reputal-o-hemos um homem mais bem avantajado que os outros, um genio superior em cuja palavra os demais homens acreditaram recebendo como revelação santa os mythos, envoltas nos quaes procurava inculcar-lhes salutaes verdades? — Mas é impossivel provar que uma tal casta de impostores haja existido na antiga Grecia; e o engano assim systematicamente ligado, quer seja grosseiro quer delicado, interessado ou philanthropico, não concorda, se nos não illude a impressão em nós produzida pelas antiquissimas producções do espirito grego, com a generosa simplicidade d'esses tempos.

D'onde chegamos a concluir que não se póde dar ao mytho um inventor no sentido restricto do termo. E que resulta d'este raciocinio? Unicamente, é manifesto, a seguinte conclusão: que nos cumpre eliminar das nossas investigações, como inapplicavel á formação do mytho, qualquer supposição de uma invenção, isto é, de um acto premeditado pelo qual o seu auctor revestisse das apparencias da verdade o que elle tinha consciencia que era falso; n'outros termos: que certa necessidade preside á reunião da idéa e do facto incorporados no mytho, que os que o formaram foram actuados *por impulsos que sobre todos operavam com equal poder e que os dous elementos do mytho se confundiram sem que os auctores da confusão reconhecessem a differença d'elles e tivessem do facto consciencia. Certa necessidade na formação do mytho, ignorancia do seu character nos que o produzem, tal é a dupla idéa sobre que insistimos. Se a comprehendermos, comprehenderemos igualmente que a discus-*

são que versa sobre se o mytho provém de muitos ou de um só, do poeta ou do povo, não alcança ainda nos casos em que podemos suscitar o fundamento da questão. Pois se o individuo, isto é, o narrador só obedece na invenção do mytho aos impulsos que operam indistinctamente sobre todos os seus auditores, é apenas o órgão pelo qual todos fallam, o interprete que sabe melhor dar fórma, vida, tom á idéa que todos quereriam expressar. Póde ser que *a idéa simultanea d'esta ignorancia e d'esta necessidade* pareça ainda assim escura e até mystica a muitos dos nossos theologos; e lhes pareça tal *porque essa faculdade de produzir não tem faculdade analoga nos homens actuaes; mas á historia não cumprirá aceitar o que é singular quando a essa singularidade é conduzida por uma investigação isenta de preconceitos?* » (Ottfried Muller, *Prolegomenos para uma mythologia scientifica*, pag. 110 — ap. Strauss, *Opus citatum*, introdução. Traducção franceza, 3.^a ed. pag. 97).

A penultima phrase vae de encontro aos principios que amplamente tentamos já estabelecer n'este trabalho; a ultima é uma confissão terminante que o mytho é inexplicavel, e vem por isso confirmar esses principios. Assim, apezar da belleza da exposição e do epigramma lançado aos pouco intelligentes antiquarios que não abraçam as idéas do auctor fazemos côro com elles, e a explicação da fabula de Marsyas não tem realmente a naturalidade que nos obrigue a mudar de opinião, como passamos a mostrar.

« Nas festas de Apollo, continua o mesmo escriptor, tocava-se harpa. A religião dos fieis acreditava o nume auctor e inventor d'essa harmonia. Na Phrygia pelo con-

trario a musica nacional era a frauta attribuida egualmente á invenção de Marsyas, Genio indigena. Os antigos Gregos sentiram que havia opposição essencial entre os dous instrumentos. Apollo devia aborrecer o som mor-tiço e sibilante da frauta ; devia detestar Marsyas. Não era porém bastante esse odio. Cumpria que triumphasse de Marsyas para que o Grego, quando tocasse harpa, tivesse o direito de reputar melhor o instrumento inventado pelo deus do que o instrumento inventado pelo Genio. Mas porque havia de o infeliz Phrygio ser tão desapiedadamente esfolado? Eis a origem do mytho. Junto ao castello de Celœnæ na Phrygia, em uma caverna d'onde sahe um rio chamado Marsyas, estava suspenso um ôdre ao qual os Phrygios chamavam tambem ôdre de Marsyas. Pois Marsyas, como o Sileno grego, era o semi-deus que symbolisava a exuberancia dos succos da natureza. Qualquer Grego ou qualquer Phrygio educado nas idéas gregas, vendo o ôdre, adivinhava logo necessariamente como Marsyas perecera. A sua pelle semelhante a um ôdre estava suspensa na caverna. O terrivel Apollo havia-o mandado esfollar. N'isto não ha ficção alguma: muitos podem ter tido a mesma idéa; e o que primeiro a expremiu estava certo que os outros, familiarizados com as mesmas convicções, não duvidariam da sua realidade um só instante. »

Não ha ficção ! concedamol-o ; mas ha conjecturas arbitrarias ; ha mais que imaginação, ha verdadeira allucinação. A passagem da diversidade de duas musicas, e da sua rivalidade para o odio e combate entre os seus inventores, já exige um trabalho da phantasia de que não se dá aqui a origem, e a transformação de um ôdre

em despojos sangrentos tem certo ridiculo que o grande talento de Muller não póde desvanecer. Por isso, insistimos nas nossas idéas. A formação dos mythos tem sempre o quer que é de mysterioso. Vêmos as legendas já formadas, podemos circumscrever em certos limites as épocas em que se produziram ; mas não podemos assistir á sua elaboração.

« No nosso tempo — accrescenta Strauss — e com a nossa cultura intellectual em que dominam a razão e a critica, custa-nos a figurar-nos um tempo, uma cultura em que a imaginação tivesse a força sufficiente para transformar as suas composições em realidades no espirito do proprio que as criava. Mas a intelligencia produz nas sociedades cultas os mesmos milagres que a imaginação nas sociedades barbaras. Sirva-nos de exemplo um historiador que primeiro narrasse certos factos ; v. g., Tito Livio. « Numa — diz — impoz aos Romanos prescripções religiosas com o fim de não deixar pela ociosidade perverter os espiritos — *ne luxurianeatur otio animi*, e porque julgava a religião o melhor freio para conter uma multidão ignorante e rude n'esses seculos — *multitudinem imperitam et illis sæculis rudem*. Instituiu dias fastos e nefastos porque era conveniente haver tempos em que nada se fizesse com o povo — *idem nefastos dies, fastos que instituit quia aliquando nihil cum populo agi utile futurum erat.* » Como sabia Tito Livio que taes haviam sido esses os motivos de Numa ? Não tinham sido taes por certo, mas Tito Livio assim o pensava ; é essa uma combinação da sua intelligencia e da sua reflexão que lhe parece por tal modo necessaria que elle nol-a expõe como uma realidade com plena convicção. A le-

genda popular ou algum antigo poeta explicava por outro modo as idéas de Numa ácerca das instituições religiosas, suppunha os colloquios com a nympha Egeria, que havia revelado a seu protegido o culto mais grato aos deuses. Como se vê, as posições d'ambas as partes são as mesmas. Se a legenda teve um auctor particular, esse julgou necessario, para explicar o dado historico, a intervenção de um ente sobrenatural; como Tito Livio julgou necessario a supposição em Numa de motivos politicos. O primeiro fitava o producto da sua imaginação; o segundo o da sua intelligencia.»

As posições não eram as mesmas. Para Tito Livio as vistas politicas de Numa não eram verdades incontestaveis, eram apenas supposições verosimeis; admittiria de bom grado que d'ellas duvidassem, e até tanto elle como os que partilham a sua opinião (pois ha ainda muitos que pensam como o historiador romano) concordariam que não existem provas que auctorisem o seu modo de vêr. Pelo contrario, os que criam nas conversações do rei com a nympha não podiam tolerar que as contrastassem; era para elles uma tradição sagrada que seria impiedade não acceitar. O primeiro fitava a sua idéa, mas conservava-lhe o character subjectivo, não a trazia á força para fóra do recinto psychologico; os ultimos, contemplando o producto da propria phantasia, reputavam-o um facto do mundo exterior.

A consequencia que d'aqui se deduz legitima, pela sua importancia, esta longa discussão.

De facto Strauss e Jorge, de quem se confessa discipulo e que pertende que todo o historiador tentando reconstruir o passado fórma mythos sem ter a consciencia

de os formar, — explicam o trabalho da producção legendaria pelos dados da psychologia actual, tomam o homem de hoje para medida d'essas chimeras monstruosas sobre as quaes a escola mythica desde o tempo de Vico architectára as suas invenções; estabelecem uma ligação regular e natural entre o passado e o presente; annullam os milagres e prodigios em que se compraziam, destroem todos esses heroes phantasticos e gigantescos que haviam engendrado.

Nem Strauss concebeu, ao que me parece, a temeraria pretensão de nos desenvolver a producção dos mythos que escureceram a vida de Jesus. O fito principal do seu livro é mostrar as contradicções em que cahem, as impossibilidades em que forçosamente laboram todas as explicações naturaes e as proprias concordancias dos antigos supernaturalistas ácerca dos textos evangelicos. Para elle os Evangelistas são apenas escriptores inexperientes que colligem sem arte, e ás vezes sem intelligencia, os boatos que vogam. E é n'essas discussões que o critico allemão ostenta a sua consummada dextreza. Haja vista como prova a habilidade com que explica as divergencias que em S. Matheus e S. Lucas se notam nas parabolos do vinhateiro e das bodas reaes.

A introducção dos mythos no christianismo offerece porém ainda outra difficuldade. Embora se admitta que a exaltação religiosa pudesse nos christãos primitivos crear a faculdade de converter os proprios sonhos e visões em realidades e de os narrar de bôa fé como taes, comtudo os boatos assim postos em circulação exigiam, para se acreditarem, sufficiente lapso de tempo.

Ora desde o segundo seculo da era vulgar os evangelhos são geralmente attribuidos a apóstolos ou discipulos de apóstolos, e n'esses a força da realidade devia cohibir os excessos da imaginação.

A difficuldade seria com effeito insuperavel se a authenticidade dos livros do Novo Testamento não fosse discutida. Mas é no que se empenha a douta Allemanha, principalmente desde que Bretschneider se atreveu a duvidar que S. João fosse o auctor do 4.º evangelho. A's grandes historias do dogma succederam monographias sobre cada um dos livros canonicos e apocryphos do Novo Testamento; n'ellas o espirito concentrando mais a attenção póde projectar mais luz sobre o objecto que estuda para reconhecer o seu character, o verdadeiro ambiente em que se produziu, as verdadeiras circumstancias que lhe deram origem. Esses trabalhos foram revelados á França pela escola de Strasburgo e pela *Revista Germanica*, mas só attrahiram verdadeiramente a attenção geral depois que appareceu a *Vida de Jesus* de Renan. Infelizmente dous obstaculos impedem que Renan represente para com o publico esse grande movimento theologico. Apezar do brilhante talento e da profunda erudição que o eminente escriptor possue, a indole do seu espirito é pouco propria para apreciar o character do christianismo. O christianismo é, de facto, o triumpho da Moral sobre a Força physica; da Virtude sobre a Tyrannia e a Escravidão. Ora Renan, livre nas idéas, tem menos independencia perante as authoridades constituidas.

D'aqui nasce a sua tendencia a deprimir a rebellião dos povos vencidos, a exaltar as medidas repressivas

dos vencedores. Por outro lado os resultados d'esses esforços da critica e erudição moderna, cujo remate será a historia racional do dogma e da egreja christã, não chegaram ainda, como observa Stap, a um accôrdo final; são apenas elementos com que mais tarde se poderá levantar o grande edificio.

Mas não carecemos absolutamente d'essas investigações para avaliarmos a influencia moral que o christianismo exerceu na sociedade.

Podemos sem inconveniente suppôr que Jesus pronunciou as palavras acima citadas.

Esse typo tão saliente e original, indole fogosa, precipitada, irreflectida, mas coração generoso e dedicado, esse apóstolo que attrahe as nossas sympathias, está pintado muito ao vivo para que pudesse ser forjado pela imaginação popular; existiu na realidade, devia igualmente carear as affeições de Jesus. Se o Christo passou horas suaves sobre a terra, foram aquellas em que estava a sós junto dos seus, dos que escolheu para continuarem a sua missão. N'esses momentos talvez o seu espirito desviasse de si a idêa dos martyrios que elle e elles tinham de soffrer, e se entregasse ao descanso do presente e ás doçuras do tracto intimo e das expansões. Que admiração seria que então, para melhor esquadriñar nas almas d'elles, lhes perguntasse o que pensavam da sua pessoa. Era natural que o assomo de zelo que assaltára a Pedro o commovesse. — « Este homem — disse comsigo — é digno de me succeder. Ahi está a fé robusta que ha de arrostar os tormentos. A minha Egreja está segura. Ahi está a sua pedra angular. »

Essas idêas eram mera esperanza; um desejo, um

voto que dirigia ao céo, pois na alma religiosa de Christo os desejos fundiam-se na oração. E por certo a oração de Jesus, subindo á presença do Altissimo, foi acolhida; e a Intelligencia suprema sanccionou o primato de Cephas, ou, para fallarmos sem figura, pela sabedoria divina estava desde toda a eternidade determinado que na grande obra da Redempção, na grande obra de Christo, ao apostolo predilecto pertencesse importante e glorioso quinhão.

Assim para o racionalista da parte de Jesus pôde haver desejo, oração, elogio; mas esse desejo, essa oração, essa promessa conformando-se com o plano da Providencia, deviam ser realizados sem milagre, naturalmente por meios puramente humanos.

Assim as causas historicas do Pontificado não foram as palavras citadas de Christo.

Em primeiro logar, se os primitivos christãos tinham em vista instituir o pontificado, porque o estabeleceram em Roma? Que tinha Roma com o Summo Pontifice dos christãos? Porque não o estabeleceram antes em Jerusalém, ou Antiochia, ou Epheso; cidades mais familiares aos textos santos, em que o christianismo começou a derramar-se; porque depois não passou a Constantinopla, capital do imperio christão? Mas Roma, o centro do paganismo! a Roma dos Cesares e dos perseguidores!

Pois foi porque Roma era a Roma dos Cesares, que o bispo de Roma foi elevado acima dos outros bispos; foi o prestigio de Roma conjunctamente com a necessidade sentida de dar unidade á Egreja que a subordinou

a um chefe, que converteu o papa em vigario de Christo na terra.

Não devemos dar á Igreja primitiva as feições que caracterizam a Igreja actual formando um todo, governada por um chefe supremo, sujeita a uma hierarchia regular, e a prescripções disciplinares systematicamente combinadas.

As igrejas primitivas eram simples assembléas de fieis, livres, independentes umas das outras. Louvavam-se por meio de Epistolas escriptas em nome de todos, communicavam-se mutuamente as suas tribulações, soccorriam-se em suas necessidades. Figurem-se uma reunião de protestantes dos mais radicaes, de puritanos, de presbyteranos, de quakers, e terão uma imagem fiel da christandade d'esses tempos. Dos sacramentos só havia um, o baptismo, e esse conferia o Sancto Espirito e tornava o neophyto apto para exercer todos os misteres da communiidade.

D'entre os sanctos subito um d'elles ergue a voz; o Espirito falla pela sua bôca; todos o escutam penetrados de respeito. O gráo de inspiração se avalia pela pureza das maximas que enuncia, e essa crença é a parte sã e salutar da religião, pela exaltação e enthusiasmo de que o vêem possuido, e já aqui a crença começa a degenerar; pelos milagres que diz ter operado, pelas visões com que diz ter sido favorecido, e aqui a crença converte-se em superstição. S. Paulo não podia apresentar outros documentos da sua vocação. No tempo de S. Justino ainda se pensava assim.

Um christão primitivo nunca teria concebido que Deus impozesse aos fieis uma longa hierarchia ecclesiastica

que subordinasse as communidades dos crentes a uma longa successão de chefes. Que mister havia de complicadas administrações para o que se julgava nos derradeiros tempos, para o que esperava ainda na presente geração vêr o regresso triumphante do Christo? Para o crente de então os escolhidos do Senhor formavam ainda uma pequena minoria do genero humano, não pretendiam apoderar-se da terra, aspiravam unicamente aos arrobamentos, aos extasis do espirito, e ás fruições do martyrio, precursoras dos gozos do céo.

Por outro lado a physionomia do christianismo era ainda toda judaica. Os apóstolos não haviam largado os trages israelitas, frequentavam o templo, submettiam-se a todas as prescrições da lei. Que idêa que elles fossem deprimir Jerusalém, a cidade santa, a cidade de David, collocando-a em logar inferior á Roma dos pagãos! O povo judeu sentia-se ainda o povo preferido e mostrava-se resolvido a conservar essa preeminencia. Porém essas vistas acanhadas, essas pretensões exorbitantes tinham de ceder, mas não sem luctas, perante a caridade vasta e generosa do apóstolo das nações.

As dissensões entre os judeo-christãos e a facção pauliniana podem ter sido exaggeradas pela critica moderna, mas foram incontestavelmente attenuadas e palliadas pela escola orthodoxa e pelos primeiros escriptores christãos. Quizeram passar uma esponja sobre essas dilacerações da nascente egreja e desfiguraram os factos: omittiram alguns, crearam outros; sonharam affeições onde só havia guerras, e uniram no céo e nas regiões das legendas os que nunca se haviam podido acordar sobre a terra.

Os apóstolos tiveram sobre o resto dos crentes manifesta authoridade e poder. Póde igualmente ser que S. Pedro, o mais querido de Jesus, tivesse sobre os outros certa ascendencia. Não podia, por isso, ficar inferior a S. Paulo. S. Paulo havia ido a Roma; S. Pedro devia ter lá ido também. S. Paulo havia fundado uma Igreja entre os Romanos, S. Pedro devia ter partilhado da sua obra. Não bastava, porém, que S. Pedro marchasse a par de S. Paulo, o discipulo predilecto devia ser-lhe superior. Ambos dirigiram a Igreja romana; mas S. Pedro só era o bispo d'ella; ambos padeceram o martyrio, mas S. Pedro só, viva imagem do Redemptor, soffreu o supplicio da cruz. E obteve ser cravado n'ella com a cabeça para baixo, porque na sua humildade, acrescenta a legenda, não se julgou digno de se parecer em tudo com o Christo ¹.

Não obstante os documentos que referem os successos serem quasi contemporaneos, vê-se bem que não pizamos um terreno historico pela obscuridade que reina nas narrações, pela ignorancia, a confusão de idéas, as contradicções dos narradores. As listas dos primeiros papas fornecidas pelos escriptores ecclesiasticos não concordam entre si, o que leva a crêr que são apocryphas e forjadas. S. Paulo saúda a certo Lino de Roma; a tradição apodera-se do nome, faz d'elle um papa, mette-o no Kalendario e fabrica-lhe uma biographia. — Cleto e Anacleto é um ou dous nomes? E' um — Cleto é a apherese de Anacleto. E este nem nome substantivo é.

1. Certos mysticos, S. Francisco d'Assis foi um delles, alcançaram também do céo semelhanças com Jesus; gravaram-se-lhes no corpo stygmata das feridas com que os Jaders atormentaram ao Christo. Em certas festas do anno as stygmata vertiam sangue. Ha medicos que acreditam nestas historias; e tem até composto longas dissertações sobre o assumpto. Empregam bem o seu tempo.

E' um adjectivo, uma qualidade que S. Paulo exige aos bispos. E' a palavra « irreprehensivel » que a legenda vestiu de carne e ossos e assentou na cadeira do vigario de Deus — *oportet episcopum irreprehensibilem esse (anegkletos)*. (S. Paulo, Epistola 1.^a a Timotheo, cap. 3.^o, § 2.^o)

S. Clemente existiu: mas, longe de ser papa, foi consul. Era aquelle parente de Domiciano, que, segundo Dion Cassio e Suetonio nos textos a que acima alludimos, foi condemnado por suspeito de judaismo. Esse judaismo era a religião christã; como se reconhece no censurarem elles a sua apathia ao morrer, designando claramente d'esse modo a sua heroica resignação no martyrio. Morreu quasi revestido das insignias consulares; e como era difficil transformar um consul romano em pontifice christão, desdobraram o personagem em dous e ambos tiveram entrada no hospitaleiro kalendario dos santos. Um foi santo e martyr; outro foi santo e papa. Foi este ultimo que escreveu a celebre epistola que com tanto respeito liam os fieis da Egreja da Asia; isto, segundo a legenda, porque a epistola falla no plural em nome dos romanos e não do papa, como nota o proprio Eusebio.

A tradição apossava-se, d'esse modo, de todos os nomes que sobresahiam aos outros na egreja romana, e convertia-os em successores de S. Pedro; mas não escolhia sufficientemente, e muitas vezes não foi feliz na escolha.

Porém o zelo da propaganda que assignalava o judaismo e o christianismo, como observa Chateaubriand, obrigou todos os fieis a espalharem-se pelo mundo. E depois

da ruina de Jerusalém, não tendo centro aonde se reunissem, deviam affluir com preferencia a Roma que os atrahia a seus muros pela sua agglomerada população. Documentos incontestaveis mostram-nos em Roma desde os primeiros Imperadores, formada uma communiidade christã que já estendia as suas ramificações pela sociedade a mais elevada, penetrando até no proprio palacio do monarcha. Essa Egreja devia ser opulenta. Usava com mão larga das suas riquezas. Repartia caridosamente com as outras Egrejas suas irmãs. Ellas insensivelmente se foram acostumando a recorrer de preferencia a ella nas suas precisões. Assim foi a Egreja de Roma assumindo preponderancia entre as demais, e quando com o correr dos tempos o Episcopado se destacou completamente do commum dos fieis, os seus bispos se avantajaram naturalmente tambem sobre os outros bispos.

No meio das numerosas heresias que desde os primeiros seculos affligiram a christandade, os crentes sentiram logo vagamente a necessidade da unidade de tradição. Todos recorriam, todos appellavam para essa unidade, mas ninguem a encontrava, ninguem sabia onde ella estava. A idéa d'essa unidade aspirou breve a tornar-se concreta, a encorporar-se em um symbolo visivel, a materialisar-se em uma instituição.

Assim as duas idéas, a da unidade de tradição e doutrina, e a da preponderancia da Egreja romana e do seu bispo co-existiam, mas ainda se conservavam separadas e distinctas. Tendiam porém a aproximar-se, a unir-se, a fundir-se uma na outra; mas essa fusão só foi officialmente decretada no seculo IV.

Reconhecem-se, nos textos dos Santos Padres citados por Baronio, dos quaes não podemos deixar de transcrever alguns, claros symptomas d'essa tendencia, e aqui os protestantes dão tractos inuteis á hermeneutica para os tornar contestaveis.

S. Ireneu, no seu livro sobre as heresias, diz assim: « Mas como seria muito longo enumerar n'este volume todas essas successões de bispos das diversas Igrejas, basta-nos indicar a da mais antiga e maior de todas, a que foi fundada por S. Pedro e S. Paulo em Roma, e a tradição que d'esses apóstolos recebeu, annunciando aos homens a fé pela successão dos seus bispos até ao nosso tempo; e assim teremos confundido os que por qualquer modo, ou por desenfreado amor de si, ou por vangloria ou por cegueira e aberração de espirito, se arrojaram a formar reuniões illegitimas. Com essa Igreja, por causa do seu poder superior, deve conformar-se qualquer Igreja, ou, por outra, todos os fieis espalhados pelo mundo; pois n'ella sempre foi conservada pelos mesmos fieis a tradição apostolica. »

« Ad hanc enim Ecclesiam propter potentiolem principitatem necesse est convenire omnem Ecclesiam, hoc est eos qui sunt undique fideles; in qua semper ab his qui sunt undique conservata est ea quæ est ab Apostolis traditio. » (Baronio, *Annaes ecclesiasticos*, anno 53, XVII ¹).

E' curioso vêr como Mosheim se estorce e recalitra contra este trecho para n'elle não reconhecer a supremacia do bispo romano. « Não se sabe bem de qual

1. S. Ireneu é do seculo II. Foi bispo de Leão; escreveu em grego, mas só possuímos das suas obras uma pessima traducção.

Egreja Ireneu fallava, nem que valor attribuia aos termos convenire, e principalitas. »

A'cerca das duas primeiras palavras póde haver duvida; relativamente á terceira, a sua propria etymologia, apesar de não ser latim ciceroniano, lhe fixa claramente a significação. « Que importa, aliás, a opinião de um insignificante bispo, que nem sempre tinha as idéas sãs? E finalmente se teimam em defender a preeminencia de Roma, argumentar d'ahi para o primado do papa equivale a allegar os direitos de Augusto e de Tiberio ao imperio em favor dos Imperadores da Allemanha! » Custa a crêr que o espirito de partido leve tão longe um escriptor sensato; os catholicos regosijam-se com esses desvarios. Bergier triumphava em todos os pontos.

Mas o que não viu Mosheim, o que não quiz vêr Bergier, foi :

1.º Que a Egreja de Roma não era a mais antiga. Primeiro haviam sido fundadas a de Jerusalém, a de Antiochia, a de Cesarea.

2.º Que do texto parece inferir-se que não foi só aos bispos romanos, mas a todos os fieis espalhados pelo mundo que foi confiada a tradição, o que confirma o principio do capitulo que diz :

« Traditionem itaque apostolorum in toto mundo manifestam in omni ecclesia adest perspicere omnibus qui vera velint audire, et habemus ennumerare eos qui ab apostolis instituti sunt episcopi in ecclesia et successores eorum usque ad nos, qui nihil tale docuerunt quale ab his deliratur. »

« A tradição apostolica, levada ao mundo inteiro, reconhece-se em qualquer egreja para os que querem ou-

vir a verdade, e podemos enumerar os que foram instruídos pelos apóstolos e os seus successores até nossos dias, os quaes não ensinaram nenhum d'esses desvarios que (os gnosticos) propalam. » *Contra os herejes*, liv. 3.º, cap. III.

Pouco depois de Ireneu, Tertulliano dizia :

« Percurre ecclesias apostolicas apud quas ipsæ adhuc cathedræ apostolorum president. Proxima est tibi Achaia; habes Corinthum; si non longe habes a Macedone, habes Philippos, habes Thessalonicenses. Si potes in Asiam pertendere habes Ephesum. Si autem Italiam adjaces habes Romam, unde nobis quoque præsto auctoritas adest. »

« Percorre as egrejas apostolicas onde ainda existem as proprias cathedras dos apóstolos. A mais proxima é a da Achaia; tens depois Corintho. Se não estás longe da Macedonia, tens Philippe, tens Thessalonica; se podes penetrar na Asia, tens Epheso; se estás em Italia, tens Roma, d'onde nos vem tambem auctoridade. »

Aqui parece estabelecer-se a igualdade de todas as Egrejas apostolicas. Roma não tem superioridade alguma.

Ahi vae um texto de S. Cypriano que torna ainda mais embaraçada a questão :

« Super hunc unum Petrum ædificat ecclesiam suam... hoc erant utique et cæteri apostoli quod fuit Petrus pares consortio præditi honoris et potestatis; sed exordium ab unitate. Primatum Petro datur ut una Christi ecclesia et cathedra una monstratur et pastores sunt omnes sed grex unus ostenditur. »

« Sobre este Pedro só edificou a sua Egreja... n'isso

foram em tudo tambem os outros apóstolos o que era Pedro; gozavam todos dos mesmos privilegios e honras; mas partiu-se da unidade. Deu-se o primado a Pedro, como se mostra, uma só igreja e uma só cadeira; assim como todos são pastores, mas ha um só rebanho. »

Singular raciocinio! S. Pedro não é o unico chefe da Igreja; todos os demais apóstolos o são igualmente. Deu-se o primado a Pedro, não para que elle realmente o tivesse, mas para que fosse a figura, o symbolo, o representante da unidade. Se não vissemos na actualidade tantas ficções legaes, constitucionaes, diplomaticas, custar-nos-ia acreditar que em assumptos tão ponderosos se empregassem estas razões.

O texto que cita Bergier me parece contraproducente:

« Atrevem-se — diz Cypriano, dirigindo-se ao papa S. Cornelio — depois de terem eleito um bispo, trazerem as epistolas dos scismaticos e dos profanos a essa mesma Cadeira de Pedro e Igreja principal d'onde emana a unidade do sacerdocio, e não reflectem que tratam com esses Romanos, cuja fé foi louvada por S. Paulo e em cujos corações não tem entrada a perfidia (Bergier, art. PAPA).

Vê-se que Cypriano receia que os scismaticos illudam os Romanos e o papa, e que, por isso, apezar de a proclamar principal e origem da unidade religiosa, não reputa a Igreja de Roma infallivel, não a considera regra e norma das outras.

Os escriptos posteriores do santo põem em evidencia que era essa a sua opinião:

« Nam nec Petrus, quem primum dominus eligit et super quem ædificavit ecclesiam suam, vindicavit sibi in-

solenter aut arroganter ut diceret se primatum tenere et obtemperandum novellis et posteris sibi oportere. »

« Nem Pedro, com ser o primeiro que o Senhor elegeu e sobre quem edificou a sua Igreja, reivindicou para si atrevida e arrogantemente o primado, nem pretendeu nunca impôr como regra e como lei aos vindouros a sua vontade. » Epistola 71.

Bem differente é a linguagem de S. Jeronymo escrevendo ao papa Damaso:

« Beatitudini tuæ, id est, cathedræ Petri consociar communionem; super illam petram ecclesiam ædificatam scio. Quicumque extra domum hanc agnum comederit, profanus est. »

« Associar-me-hei sempre á vossa Beatitude, isto é, á Cadeira de Pedro. Sei que é ella a pedra sobre que está edificada a Igreja. Todo aquelle que comer o cordeiro pascal fóra d'essa casa, deve ser tido profano. »

E mais formal ainda é a asserção de Santo Agostinho depois das conferencias de Carthago:

« Roma elocuta est, causa finita est. »

« Roma fallou; a causa está decidida » — disse elle ácerca dos pelagianos que pretendiam suscitar questões depois da sentença do papa.

Para se apreciar a importancia d'esses textos cumpre reflectir que a fusão das duas idéas, a unidade da Igreja e a supremacia romana, foi completamente operada desde que Roma ficou sendo a *regra da fé*.

Ora, como dissemos, o governo das communhões christãs era, ao principio, republicano. Tudo se decidia á pluralidade de votos de toda a Congregação, mesmo no tempo dos apóstolos. E se havia um senado de presbyteros que

regia a comunidade, esse senado era de eleição popular, e quando d'elles se destacaram os bispos, como chefes supremos de cada egreja, era ainda o povo que os escolhia. Qualquer fiel que se sentia inspirado, qualquer *propheta*, como então lhe chamavam, tinha o direito da prédica, e as Epistolas que as egrejas umas ás outras se dirigiam, soccorrendo-se e aconselhando-se, eram em nome de todos os membros d'ellas e não só dos seus bispos. Assim a Epistola de S. Clemente que as Egrejas da Asia liam com tanto respeito, era realmente de todos os fieis de Roma, como expressamente o declara Eusebio, chamando-lhe Epistola Romana — *Epistola Romanorum Clementis nuncupata*.

As egrejas eram independentes; mas nos conselhos que se davam denunciava-se manifestamente a divergencia de opiniões como causa de discussões e de scisma. Cada comunidade pretendia possuir a genuina tradição apostolica, ser a verdadeira interprete dos discipulos de Jesus. Assim se distinguiram as *Egrejas apostolicas* precursoras das metropoles ou patriarchados. Em quanto não haviam interesses que se contrastavam, a tendencia da maioria d'ellas inclinava-as para Roma, cuja origem a legenda ia cercando de fabulas e tornando cada vez mais antiga e gloriosa: mas, desde que se excitavam as paixões, tudo voltava á primitiva igualdade. Assim Ireneu, Tertulliano, Cypriano podiam prestar homenagem á Cadeira de S. Pedro no remanso da paz e, sem serem demasiado contradictorios, invectivarem o bispo de Roma desde que ella descrepava das opiniões que professavam. Pretender que a ironia de Tertulliano apodando o papa de Summo pontifice e bispo dos bispos mos-

tra que essas denominações eram usadas seriamente pelo *commum* dos fieis, vale tanto como o asseverar que de Luthero appellidar o papa *pater caelestis*, *pater scelestissime*, pae celeste, pae sceleratissimo, se infere que o primeiro d'esses nomes lhe havia sido conferido pelo *commum* dos christãos.

« Pois quê! — exclamavam Tertulliano e Cypriano — tu queres, ó papa, impor-nos a tua vontade; tu queres governar os bispos como os bispos governam os fieis; pois ha por ventura pontifice supremo das egrejas co-irmãs? » A exclamação lembrava naturalmente; era trazida pelas proprias pretensões dos papas, não carecia de precedentes que a recordassem; não era uma repetição. Se o fosse os doutores mostravam quererem, de acinte, rebellarem-se contra a tradição que tanto ainda agora exaltavam; o que nunca elles confessaram terem pretendido fazer.

A principio as excommunhões com que as diversas Egrejas se anathematisavam só podiam excitar odios e recriminações, não tinham a sancção penal, não produziam os terriveis effeitos dos Interdictos da idade-media; o resto da Egreja permanecia, na maior parte, indifferente ás guerras dos contendores; e acabada a febre dos combates muita heresia era attenuada, muito schisma se acobertava na unidade elastica da tradição *commum*. Mas quando o christianismo se tornou a religião do imperio, cada seita desejava attrahir a si a influencia do poder; e os habeis chefes que dominavam na Egreja de então sentiram mais claramente a necessidade de fixar com precisão a regra da fé, de concentrarem a auctoridade religiosa nas mãos de um só. Isto ex-

plica completamente as passagens de S. Jeronymo e de S. Agostinho, e tal era a consciencia da necessidade de se reconhecer a supremacia de papa, que era ainda a tradição que se allegava para a confirmar, quando já o apello dos outros bispos para o da cidade eterna havia sido decretada officialmente no Concilio de Sardica e depois pelo imperador Valentiniano III ⁴.

Depois os acontecimentos se precipitaram com incrível rapidez. O imperio do Occidente desmoronou-se ; e o do Oriente, vacillante, já não podia reter em seus braços enfraquecidos a Italia accommettida por contínuas invasões. Roma viu-se isolada, mas não livre ; e para ainda lhe aggravar o opprobrio reduziram-a a uma cidade de segunda ordem, dando-lhe por chefe um *duque* subordinado ao *Exarcha* de Ravenna. Mas Roma dominava ainda pela alma, dominava pela energia activa dos pontifices sobre toda a Italia, e dilatava muito mais além sua influencia.

Mesmo em Roma e nas suas cercanias o paganismo ia empallidecendo e esquecendo. O altar da Victoria fôra derrubado sem grande opposição ; e o proprio senado decretou por maioria o triumpho da religião de Christo sobre a de Jupiter e de Marte. O povo começava a afeiçoar-se ao novo culto. A riqueza das Igrejas, a pompa das ceremonias religiosas recreiavam-lhe os olhos, e lhe enthusiasmavam os espiritos, ao passo que

4. Foi engano escrevermos a pag. 494 do texto, — conferencias — devia ser — concilio. De resto, o respeito affectado por S. Athanasio e S. Agostinho, promotores dos concilios de Sardica e Carthago, foi interesseiro. Tinha menos em mira elevar a authoridade papal, do que reprimir odiosos herejes, consideração esta que attenua a sua importancia para a questão do primado de Roma, na opinião dos escriptores gallicanos.

Muito teriamos que dizer n'este ponto, porém reflectindo que o reconhecimento d'esse primado não está ligado á essencia d'este nosso trabalho, julgamos preferivel não desenvolver mais o assumpto.

a multiplicidade das legendas lhe entretinha a imaginação. O Olympo tinha de ceder a uma Côrte celeste mais veneranda, fido das ardentes esperanças das novas gerações; a Mãe de Jesus subindo aos céos cercada de anjos, de virgens, de santos, de martyres e de confessores attrahia a si com doce sorriso os corações. No meio das incessantes invasões dos barbaros, os desamparados, os fracos acostumavam-se a acercar-se em torno do Summo Pontifice como em torno do seu protector e chefe natural. Sobre as ruinas do antigo poder, outro poder se ia formando; Roma, deixando de ser a capital do mundo romano, começára a ser a do mundo christão.

O reino Lombardo, que então havia pouco se creára, offerecer-nos-hia uma solução simples e natural da unificação da Italia. Eram essas as épocas em que se formavam as nacionalidades; em que os povos invadidos podem ainda regenerar-se recebendo sangue novo, em que os povos invasores se fixam no solo conquistado e se prestam á climatação. Mas houve guerra incessante entre o pontificado e os Lombardos; e já os successores de S. Pedro alongavam as suas vistas para mais remotas regiões e aspiravam a erigirem um novo Imperio occidental, e a implantal-o no coração da propria barbarie. A carta escripta pelo papa Estevão III a Pepino não tem outra significação.

Não é uma ficção nem uma impostura. E' uma carta verdadeiramente fatidica.

Falla Pedro em seu proprio nome e no da sua Egreja, porque devia realmente o apostolo estar empenhado que se levantasse o cerco de Roma reduzida ao ultimo extremo *pela pessima nação dos Lombardos* (pessima Lon-

gobardorum gente). Mas era unicamente a vontade, o espirito do santo, não o seu corpo que estava presente. « Et tanquam præsencialiter in carne vivus assistens coram vobis ego ago Apostolus Dei Petrus : ita firmiter credite vobis per adhortationem alloqui verbum : quia etsi carnaliter desum, spiritualiter autem a vobis non desim. Quoniam scriptum est : Qui suscipit prophetam in nomine prophetæ mercedem suscipit prophetæ. »

« E como se eu estivesse carnalmente presente, sou eu que vos fallo, eu, Pedro, apostolo de Deus; e assim acredito firmemente que esta exhortação sahe da minha bôca. Pois se o meu corpo está ausente, o meu espirito é comvosco. E está escripto : aquelle que receber o propheta em nome do propheta, receberá a recompensa do propheta. »

O proprio Deus ameaça com o inferno e o extermínio; allicia com a promessa das alegrias do céu e das grandezas da terra, porque a Egreja periclitava; e elle havia distinguido entre as mais nações a raça Franca fazendo-a crescer em forças, tornando-a victoriosa sobre seus numerosos inimigos para que fosse a defensora d'ella. « Mementote et hoc quomodo et inimicos sanctæ Dei ecclesiæ, dum contra vos prælium inceperunt, a vobis, qui parvo numero contra eos fuistis, prosterni feci... Declaratum quippe est quod super omnes gentes quæ sub cœlo sunt vestra Francorum gens Apostolo Dei Petro prima extitit; et ideo Ecclesiam quam mihi Dominus tradidit vobis per manus Vicarii mei commendavi ad liberandum de manibus inimicorum. » (Baronio, *op. cit.*, anno 755).

Tem-se dito que o poder temporal dos papas teve ori-

gem na doação de Pepino. Mas os Italianos e os papas sustentam que foram elles que conferiram o imperio á familia Karlovingiana.

Tem-se dito que a influencia do pontificado no mundo, já então decisiva e desde essa época sempre crescente, havia produzido a idéa da divisão dos poderes, havia criado a noção de um direito todo moral acima das leis escriptas, dos costumes, dos factos consummados. O proprio Guizot partilha esta opinião; Gibbon, porém, já a tinha emittido.

Mas não me cançarei de repetir que o homem não adquire novos sentimentos, novas idéas moraes na sua peregrinação atravéz dos tempos, não recebe elementos de fóra para os agglomerar á sua condição primitiva. Ha, é verdade, épocas em que estão certas idéas mais á vista; ha seculos em que certos principios dominam mais.

Mas não eram por certo os principios moraes que dominavam n'esses tempos; e o eminente historiador mostra-se contradictorio.

Nas suas admiraveis lições, pela facilidade e destreza com que maneja uma vastissima erudição, reconhece-se o digno mestre de tantos escriptores distinctos. E' impossivel levar mais longe a analyse; resumir com mais certeza a multidão dos successos. Cada parte do edificio está artisticamente elaborada, mas quando pretendemos unil-as vemos com espanto que nem sempre ajustam entre si.

Com Schleiermacher e Kant julga um mal que na Egreja christã haja um clero separado do commum dos crentes, mas a união de governo e governados não a

procura na participação do povo á administração publica por meio do suffragio universal; mas só pela influencia que tem n'ella pela opinião dominante. A condição para que um governo seja legitimo é estar entregue aos mais dignos; e essa pequena minoria só a pódem escolher eleitores esclarecidos quando ella não é já levada ao mando pelo pendor natural dos acontecimentos dirigidos pela mão da Providencia. Mas aqui não é o profundo philosopho, o sagaz investigador do passado que falla; é o estadista impaciente de qualquer opposição, o fautor de medidas repressivas, o amigo da ordem a todo custo, o fanatico admirador de Casimiro Perrier. Porém esse governo aristocratico, o qual d'esse modo Guizot primeiro rejeita para depois o acolher, não tem na Egreja os mesmos inconvenientes do que na ordem civil, e a sequencia d'este capitulo provará, temos confiança, quanto são exaggerados Kant e Schleiermacher nas suas apprehensões. Não se deve dizer que a Egreja tende a reconhecer em si a infallibilidade e por isso a impôr aos homens despoticamente os seus direitos. Logo que nasce qualquer religião, qualquer Egreja se crê divina, aliás se reputaria rebaixada a um mechanismo politico.

Nos tempos primitivos do christianismo a infallibilidade residia nos Apostolos, depois pairou na tradição apostolica, e quando a Egreja se constituiu definitivamente, fixou-se, quer nos Concilios, quer no Papa. Mas a infallibilidade não dá direito a coagir ninguem; e os trechos acima citados de Ezechiel (Veja-se a pag. 131) mostram os limites em que a inspiração se mantém.

Desde que a Egreja emprega a força como sancção das suas leis, confunde o poder espiritual e temporal;

ora a Igreja de facto tem empregado a força; logo não é ella a origem da distincção dos dous poderes, antes confundiu-os e contribuiu para perpetuar essa confusão.

Na realidade não existe poder todo temporal nem todo espiritual, mas só poder que se impõe á sociedade pela coacção e poder que só tem direito a usar da persuasão. Mas a crença na legitimidade d'essa distincção, instincto innato no coração do homem, foi reduzida á idêa racional, foi introduzida na sciencia, não pela religião, mas pela philosophia, por Thomasio, por Kant, que estabeleceram d'este modo a liberdade da consciencia sobre bases inabalaveis; e a ignorancia d'essa grande verdade deu lugar, antes desses philosophos, a muitos abusos, a muitas oppressões.

Roma, confessamol-o, fallava em nome da moral, da virtude, de Deus e foi frequentes vezes a zelosa defensora dos direitos da humanidade ultrajada. Mas a noção de moralidade e de direito não nasceu com o christianismo; e não ha poder algum que não se tenha dito o representante da justiça; — por outro lado os raios do Vaticano foram muitas vezes empregados em favor de interesses bem mundanos.

E' verdade ainda que o pontifice romano desde que transformou a thiara em diadema, fallou nos dous poderes. Mas as proprias comparações de que usava, o modo porque applicava os textos sagrados põem bem patentes as trévas em que jaziam os espiritos n'esses seculos, a confusão que reinava nesses assumptos.

Roma arrogando-se sobre as nações direitos que não tinha força de sustentar, dirigindo-lhes ameaças que não podia realizar, precisava de se socorrer aos Reis, e va-

lendo-se d'elles fortalecia-os com a sua auctoridade e influencia e apoiava-os nas suas pretensões. Assim, como observa o proprio Guizot, não se collocava ella da parte das liberdades populares contra as exigencias do poder real; e, se desligava os subditos da obediencia contra um soberano rebelde, era para os entregar manietados a outro rei, que não valia mais do que aquelle que ella desthronára.

Chamando em seu auxilio nos apertos os barbaros de fóra, impediu que se constituísse a unidade do reino Italiano; criando um novo imperio do Occidente, deu origem a um systema de direito politico, ou, antes, se é permittido assim fallar, de *Equilibrio europeu*, antipathico com as tendencias naturaes dos povos.

Karl, o grande, tinha na realidade já o poder. Sagrando ao imperador o papa Adriano, só lhe conferiu um titulo, um nome, e se reconhecia seu subdito: mas o nome tinha prestigio e o imperador obteve certa preponderancia e preeminencia sobre os demais monarchas; e a sagração converteu-se breve em investidura. A christandade ficou assim sujeita a dous grandes poderes, cujos limites e reciprocas relações não eram bem extremados. Por um lado estava o imperador, imagem da lua, dizia o papa, que só tem o brilho que lhe empresta o sol. Por outro lado o poder pontificio, verdadeiro sol, porque recebe a auctoridade do proprio criador. D'elle dimanava todo o poder terrestre até o do imperio, como se vê dos dous gladios que deram a Pedro; é elle o verdadeiro sol que tem luz propria; porque dentro em pouco o papa se julgou mais que um homem, reputou-se ser independente e sem igual no mundo. Innocencio III atreveu-se

a dizer de si que era o vigario de Deus, o deus de Pharaó, inferior ao deus maximo, superior á humanidade, — *vigarius Dei, deus Pharaonis, citra Deum, ultra hominem, minor Deo, major homine*. Em quanto que o fiel é filho da Igreja, o papa governa-a com o poder de um pae — « cum contraherem filius ducebat matrem, ubi vero contraxi pater habuit filiam in uxorem. »

Em quanto o imperio permaneceu na familia Karlovingiana, essa dualidade conservou ainda certa apparencia, mas desde que elle passou para outra dynastia, toda a illusão se tornou impossivel e os esforços dos papas só conseguiram dous resultados ambos funestos para a civilisação. Excitaram as ambições dos senhores feudaes allemães, armaram-os contra o poder imperial e annullando assim o prestigio d'esse nome pozeram obstaculo á formação de um centro teutonico, e fizeram cahir a Allemanha em uma verdadeira federação.

Engrandeceram desmarcadamente a França até a levarem a invadir a Italia ¹.

1. Pois que ! — dirá o leitor — a preponderancia da França póde lá ser funesta; da França, d'onde mana para a Europa todo o progresso, toda a civilisação! Essa idéa com que se tem alimentado a vaidade franceza parece-me ter já feito o seu tempo; e o mais é que são os escriptores francezes que trabalham para descer a França do pedestal de gloria sobre que a alçaram.

A influencia da França sobre o mundo é immensa, ninguem póde contestal-o; mas só dá o que tira de fóra; as idéas que propala e vulgarisa não são suas. Os principios da Revolução de 1789 já haviam sido proclamados em Inglaterra; a França adoptando-os diffundi-os, sim, mas adulterou-os e os innundou, se não os suffocou, em sangue, imprimindo-lhes assim o character de um povo feroz.

Cromwell morreu de posse do protectorado, a monarchia depois d'elle resuscitou; mas os principios liberaes que no solo da patria implantára sobreviveram a elle e permanecem superiores a todas as dynastias, a todas as reacções.

Napoleão finou-se desterrado em Santa Helena em castigo de ter faltado á fé jurada; e as idéas da revolução já deixaram de dominar em França.

A espada de Frederico II não passou da Allemanha e da Belgica; mas a Prussia desde seu reinado emparelhou com o Santo Imperio.

Assim os papas ingerindo-se nos negocios da Europa não trabalhavam para si, e os effeitos dos seus esforços foram mui diversos das suas previsões. Quizeram formar um imperio europeu e tornaram impossivel uma grande nação. Pretenderam avassallar o mundo e foram victimas dos inimigos internos e dos proprios protectores. Dilaceraram o seio da patria, dando forças e alentos a uma nação que constantemente a ameaça. Innocencio III foi manifestamente a causa da supremacia que obteve na Europa Philippe Augusto. E ás dissensões entre Bonifacio VIII e Philippe *o bello* succederam Benedicto XI, papa todo francez, e o scisma de Avignon.

Houve uma época durante o curto predominio da mo-

Os exercitos de Bonaparte percorreram o mundo, mas a França depois de um sonho de gloria viu-se empobrecida, reduzida e humilhada. Os estrangeiros ignoram o caminho de Londres; os Inglezes, os Allemães, os Russos já mandaram em Pariz.

« O espirito do Christianismo — diz Edgard Quinet — passou da Igreja para a Republica franceza e para os seus soldados; são elles verdadeiros apóstolos, pois combatem não em proveito da patria, mas dos povos a quem inculcam as idéas liberaes e a civilisação. »

Ainda mais. Esse colosso que nos parece como o centro e coração da Europa para onde cremos que converge o movimento, a vida, é só um todo ficticio; foi composto de successivas agglomerações de povos que se conservam ainda distinctos em feições, em idiomas e em costumes; e a grande « Historia de França » de Michelet não é senão uma laboriosa investigação da unidade nacional que não póde attingir.

« Esta bella centralisação, pela qual a França é a França, diz Michlet, contrista á primeira vista; a vida fica no centro e nas extremidades; as partes intermedias são fracas pallidas... As extremidades são opulentas, fortes, heroicas; mas frequentemente tem interesses diversos do interesse nacional... E, todavia, uma das grandezas da França consiste em apresentar, por todas as suas fronteiras, provincias que ao genio nacional unem certas feições estrangeiras. Á Allemanha oppõe uma França-allemã; á Hespanha uma França-hespanhola; á Italia uma França-italiana... aquelle que transpõe as fronteiras e compara a França aos paizes circumvisinhos, a primeira impressão é-lhe desfavoravel. Poucos lados existem em que os estrangeiros não sejam superiores. » (Hist. de França, tom. 2.º, pag. 290-292).

Embora allegue o exemplo dos animaes. A' medida que se ascende na escala zoológica, a vida se concentra, e os orgãos se tornam mais dependentes do foco vital. A

narchia hespanhola, nos reinados de Carlos V e de Philippe II, em que Roma seguiu o verdadeiro trilho. As guerras e intrigas de Julio II são legitimas, porque são movidas pelos verdadeiros interesses da Italia.

Mas já soára a derradeira hora da influencia politica da Santa Sé; as excommunhões e os interdictos já não amedrontavam ninguem; e os thronos que Sixto V distribuia eram mui difficeis de conquistar.

Houve todavia um homem que merece, entre os demais papas, uma gloriosa excepção; pois soube comprehender a missão do pontificado, quanto lh'o permittiam os calamitosos tempos em que viveu: esse homem chamava-se entre os profanos Hildebrand; e Gregorio VII

comparação é degradante para a propria França, e a falta de força denuncia-a o proprio historiador, mostrando a impotencia da capital em assimilar ao seu espirito as provincias. Assim Michelet estabeleceu as premissas e só não se atreveu a deduzir d'ellas a conclusão. Renan foi mais sincero:

« tal é a natureza fugitiva de tudo o que respeita ás sociedades, que a nação que com perfeita lhaneza quiz trabalhar em proveito da liberdade do genero humano, viu-se por isso mesmo impossibilitada de fundar a sua propria liberdade. »

E depois de comparar a centralisação franceza e a da China que tem conservado este paiz em uma decrepita infancia, acrescenta:

« A grande lacuna que a França tem em seu interior não nos deve entibiar as longas esperanças e os constantes esforços. »

« Por certo, se uma só raça e uma só dominação se estendesse sobre a Europa moderna, se as nações christãs formassem um mundo unitario como o «orbis romanus», a decadencia seria inevitavel, por isso que não existiria já fóra d'esse circulo elemento algum de regeneração. Mas no principio de diversidade e de vitalidade propria que produz na Europa um obstaculo invencivel a toda a dominação universal, está a salvação do mundo moderno. » (Mr. Sacy ou a Escola liberal, ensaios de critica pag. 387 e 49).

Assim o que a França produz de si é máo; para o bem só é um ecco sem originalidade dos paizes mais fecundos que a cercam. Proclamada esta verdade, o engrandecimento da França não se deve reputar vantajoso.

Se a Belgica tivesse n'ella sido absorvida, estaria incontestavelmente em condições menos prosperas. A propria existencia da França não é uma necessidade, antes é um estorvo á civilisação.

na Egreja Romana. Os incredulos e os inimigos de Roma tem feito d'este insigne varão uma pintura medonha, tem-lhe assacado aleives extrardinarios, a ponto de o accusarem de magia. Pelo seu lado os ultramontanos tecem-lhe elogios descommedidos, e não sei se diga que os escriptores modernos lhes vão seguindo as pizadas. E' moda o enthusiasmo por Gregorio VII; é de bom tom consideral-o como um homem do progresso, um innovador, um revolucionario. Tanto tem podido em alguns historiadores o amor do paradoxo, e do contraste; os outros imitam a estes levados pelo instincto da rotina.

Gregorio VII não quiz innovar: tinha ante si a Nicoláo I, e adoptou-o sempre como modêlo, conformou-se sobretudo á tradição de que nunca julgou que se afastava. No que sobresahe aos outros papas é no quanto era dedicado á Egreja. Innocencio III queria ser Rei; Alexandre IV proteger os seus; Leão X queria proteger as artes; Sixto V ser magnificente; Adriano thesourisar; Gregorio VII quiz unicamente ser papa, isto é, chefe da Egreja em que tinha concentrado todos os seus amores. Filho da plebe (era filho de um operario, como o Christo, nota Baronio), desde a infancia que se affeioára a S. Pedro, em cujo convento foi educado; do alto do céu o principe dos apostolos era-lhe padrinho e guiava-o por milagrosa senda ao Vaticano. Por certo Gregorio VII ambicionava a terra, mas unicamente para sujeitar os homens á Egreja, ao poder pontificio destinado a moralisar o mundo; lançava contra os reis o interdicto e o anathema, em virtude do poder que se attribuia *de ligar e desligar*, mas era porque os reis dissipavam os bens da Egreja, e não se conservavam

no respeito e obediencia que deviam a tão carinhosa mãe. Usava e abusava da força, armava exercitos, fazia a guerra a povos christãos, mas lamentava o sangue que se derramava, esperava pelo mêdo chamar os discolos ao sentimento da justiça; e finalmente as tropas reunidas podiam ser dirigidas para a *Cruzada* que elle foi um dos primeiros a promover. E com isto não julgava innovar.

Não devemos suppôr em Hildebrand a sagacidade e a sciencia dos criticos da actualidade. O papa, quando allegava fabulosas tradições, acreditava n'ellas. Julgava veridicas todas as legendas que cercavam os primitivos tempos do christianismo, as sonhadas peregrinações dos apóstolos, as phantasticas doações; a Hespanha era no seu pensar uma pertença da Sé apostolica. Depois os reis vinham-lhe pedir a investidura dos seus reinos, e elle concedia-a da melhor bôa fé, julgando que assim lhes obtinha a protecção de S. Pedro no céo. Figurava-se-lhe d'esse modo Roma o centro do mundo; e o poder espiritual o poder supremo de que todos os outros deviam depender.

Mas entre a voz que troava do alto do pulpito do Vaticano e as ultimas camadas sociaes, os servos atidos á gleba, havia um abysmo que só o clero podia preencher. Era pois mister que os padres se afastassem das suas nações, dos seus monarchas para se acercarem em torno do seu verdadeiro chefe, o papa. Para que a luz da moralidade e da religião penetrasse a terra, era preciso que primeiro raiasse para o clero; e n'esse fito poz Gregorio VII o seu maior esforço, empenhando-se pertinazmente com grande ancia, com grandes luctas para o re-

temperar, segundo a bella expressão do eloquente Michelet, pela castidade. O esforço foi baldado. O celibato estabeleceu-se, sim, como lei disciplinar; mas a castidade não veio com as suas azas virginaes purificar o coração do clero. Os vícios e as devassidões continuaram; e ainda assim os padres casados ou concubinarios reagiram a principio, grande celeuma se levantou entre os bispos; o pontifice teve de chamar em seu auxilio os monges e o clero inferior; mas não pôde com esse reforço levar a cabo a sua empreza; porque nem o clero secular nem os monges eram capazes de a comprehender. — Qual era, pois, o estado do clero então, como havia degenerado das suas virtudes primitivas, é o que vamos examinar entrando assim na segunda parte d'este capitulo.

Com a opulencia os bispos juntaram ao poder ecclesiastico o poder civil; eram defensores das suas Egrejas. E a sua influencia moral sobre o povo era tal que fez por vezes recuar o proprio monarcha.

O heroico rasgo de Santo Ambrosio, negando a entrada da Egreja a Theodosio coberto do sangue dos habitantes de Thessalonica teria sido impossivel sem o grande prestigio que havia obtido o Episcopado.

As perseguições que soffreu S. Chrysostomo foram acompanhadas de revoltas populares; e Constancio teve de ceder e dissimular diante de S. Athanasio, que a animosidade do arrojado Juliano não pôde abater.

As eleições dos bispos ainda as fazia o povo; e nem sempre eram pacificas. Em a do papa Damaso correu sangue. O logar era de ambicionar. «Faz-me bispo de Roma — dizia um incredulo — e eu me farei christão.»

Segundo o imparcial Ammiano Marcellino, todas as paixões achavam em que se saciar. As pompas, a riqueza dos paramentos, as festas e ovações populares, até os mimos das ricas matronas testemunhavam o apreço em que era tido o novo prelado.

Esta ultima demonstração de regosijo é significativa; mostra-nos o interesse que as mulheres tinham pelos negocios ecclesiasticos.

Nos tempos primitivos do christianismo vemos já mulheres misturadas com os apóstolos. S. Paulo saúda algumas sanctas; nas listas das primeiras conversões abundam nomes femininos; e são numerosissimas as que confessaram a sua fé pelo martyrio. Se Helena não converteu Constantino, as orações de Monica contribuíram para a conversão de Santo Agostinho; e as de Clotilde para a de Klodowig.

Pelo seu character impressionavel a mulher deixa-se facilmente arrastar pelo enthusiasmo; e sob esse aspecto é um excellente instrumento da propaganda religiosa; mas n'ella póde menos a razão do que o affecto, e por isso não analysa sufficientemente a sua crença, e a sua religião é mais enthusiastica do que santa, mais supersticiosa do que moral. Atém-se mais ás práticas do que aos preceitos; liga-se mais aos symbolos do que ás verdades symbolisadas; e talvez pense menos em Deus do que em seus ministros.

Poucas beatas ha que resistam ás sollicitações dos seus confessores. D'aqui nasce o perigo dos directores espirituaes, cuja influencia nos seculos IV e V tinha chegado a seu auge.

A ambição do clero de então, a sua tendencia á ca-

ptação de heranças obrigou Valentiano III a derogar a lei de Constantino que permittiu testar em favor das Egrejas. E S. Jeronymo não nega a oportunidade d'essa lei, só lamenta a corrupção do clero que a tinha tornado necessaria, e, o que mais é, ainda assim mesmo inefficaz.

E o mesmo escriptor pinta-nos o zelo com que um padre aperaltado andava á cata das mulheres ricas, a assiduidade com que as frequentava, penetrando até aos seus mais secretos aposentos, a arte com que lhes extorquia tudo que o tentava. Bem sabemos que essas manhas não eram as dos santos; mas os escriptos d'estes mostram que não fugiam por modo algum as devotas, e que as riquezas das que se confiavam á sua direcção espiritual tinham grande importancia a seus olhos. Poucos são os Santos Padres a cujo lado não appareça uma mulher.

S. Chrysostomo tinha sido monge; e conservava no throno episcopal a sua antiga simplicidade. Não dava banquetes; era pouco accessivel para com os grandes, mas distribuia a sua riqueza pelos pobres, o que o tornava popular.

Uma viuva Olympiada, com a sua fortuna, que era avultada, fornecia-o do que elle precisava para a sua sustentação; o bispo achava esses cuidados pios e naturaes, mas no seu ardor pela reforma do clero e da corte não se soube conter nos limites da prudencia, o que lhe careou odios, perseguições, e, finalmente, o exilio.

Rompe então um scisma. Olympiada mantém-se firme e recusa commungar com os perseguidores; a influencia da sua riqueza refreia o arrojo dos seus inimigos que

tem de lhe soffrer a affronta, e a opulenta viuva é louvada como santa. Mas seria realmente essa persistencia santa? Seguir-se-ia aqui o preceito de Jesus que aconselha deixar o rebanho para correr em busca de uma ovelha desgarrada? E não denuncia esse proceder menos zelo pela religião, do que affeição pelo bispo?

As immensas riquezas da familia Aniciana eram n'esses tempos a admiração de todos e a inveja de muitos. Juliana, a representante d'essa casa, era christã. Sua filha Demetriade professava a religião da mãe; e já tinha noivo. O enxoval estava prompto, e o grande dote apparelhado. Um irmão Toxocio era casado com a filha de um sacerdote pagão; mas os bispos e os padres que andavam ao redor da casa, fechavam os olhos sobre muita cousa, porque havia muita outra que os enamora-
rava.

S. Jeronymo finge em uma carta um monologo da virgem Demetriade no qual ella se aconselha a renunciar ao casamento. « Não temas — diz-lhe a voz secreta — affligir a vossa familia; talvez com este proposito realiseis ardentes desejos que se vos não atreve a expressar. » Mas a historia apresenta ao lado da virgem uma aia, confidente ou conselheira. Quem não vê aqui o suborno e a corrupção?

A virgem é votada aos altares: e o dote destinado ao esposo humano passa para o esposo divino. Então é de vêr o entusiasmo dos bispos; os elogios que entôam á nobre e illustre familia e á religiosa donzella chegam ao ultimo gráo de exaggeração. As expressões de Santo Agostinho, que não foi dos mais moderados, merecem

ser transcriptas (traduzil-as é impossível) pela sua extraordinaria singularidade :

« Hæc est uberior fecundiorque felicitas non ventre gravescere, sed mente grandescere, non lactescere pectore, sed corde candescere, non visceribus terram, sed cœlum orationibus parturire. »

A mãe, de vaidosa, andava como perdida; não havia padre de certa nomeada de quem não ambicionasse encomios e a quem não participasse as suas glórias. Pelagio também foi contemplado. Desgraçada, que fizeste! O futuro hereje responde a Demetriade que *só ella tem o merecimento da sua resolução*, era como se dissesse que nada devia aos bispos. Agostinho scandalisa-se, admoesta Juliana e induz o papa Innocencio a reprehendel-a. Pelagio replica, embaraça os santos e é excommungado; S. Agostinho conquista o titulo de *doutor da graça*, mas surge uma questão renhida e duradoura na qual a Egreja nem sempre andou com passos firmes, e que só terminou (se é que terminou) com a condemnação do *Agustinus* de Jansenio depois de doze seculos de lucta.

Santa Paula era uma beata d'aquellas que *sonhava com apostolos*, como diria S. Jeronymo de outra qualquer mulher que tivesse igual temperamento.

Nunca podia estar sem um padre. Ora convivia com S. Jeronymo, ora buscava S. Epiphanio. Este insistia com a nobre matrona para que tomasse menos a serio o conselho de se mortificar o corpo; a santa cada vez era mais severa comsigo, e só comia uma vez na semana, segundo assevera o ultimo santo, que passa por muito cre-

dulo, mas que n'esta asserção me parece alguma cousa mais.

Paula era mãe da joven Eutochio, christã, sim, mas amiga dos divertimentos proprios da sua idade. S. Jeronymo, em uma famigerada carta, exhorta-a que refreie os estimulos da carne, citando-se a si como exemplo.

Se o leitor estranhou as expressões citadas de Santo Agostinho, que não dirá da vivacidade com que Jeronymo descreve as tentações que o accommettiam no deserto?

« Se eu, apesar de todos os rigores e mortificações que em mim exercia, me recordava das antigas festas, — acrescentava o santo — que será de vós, se vos não subtrahís a todos os espectaculos que podem excitar a ardencia do vosso mimoso corpo (*ardenti corpusculo*)?

A mãe, cedendo aos rogos da filha, pretende casal-a. S. Jeronymo irrita-se todo. Eleva ás nuvens o celibato e a virgindade e exige que Eutochio seja consagrada a Deus. Seria o zelo pela salvação de uma alma, que movia o santo doutor? Não haveria tambem aqui ciume interesseiro? E as lubricas visões que lhe d'antes atormentavam as solitarias noites não continuariam ainda?

Antes, eram imagens de mulheres devassas que lhe esvoaçavam pela recordação; agora, tinha presente a cada instante o desabrochar de attractivos mais poderosos. Eram uns olhos que se fitavam timidamente nos seus; um sorriso cheio de confusão; o carmim do pudôr com que se tingia uma avelludada face, o enleio de um corpo virginal.

Estas vistas deviam commover o coração do santo.

A mocidade tinha passado ; mas o fogo do estylo mostra que os sentidos não estavam ainda amortecidos. E não seria n'esse caso imprudencia permittir a familiaridade? se a mãe, possessa de padres, não estivesse de todo tresloucada, não teria prohibido tão perigoso tracto?

As calumnias não faltaram ; o santo defendia-se com as austeridades que praticavam as santas que o cercavam. Mas nós já vimos o credito que essas mortificações mereciam, e, em summa, não era de rigorosa justiça que S. Jeronymo fosse julgado pela mesma lei a que estavam sujeitos os outros padres mulherengos que incessantemente abocanhava?

Ora se taes abusões se davam n'esses tempos dos grandes luminares da Egreja, dos gloriosos corypheus da sciencia theologica, o mal devia forçosamente recrudescer quando a sciencia escasseou e o zelo pela religião foi afrouxando. Na idade-media os bispos tornaram-se senhores feudaes ; as cathedraes converteram-se em castellos. Os pobres que buscavam a protecção de algum potentado da Egreja ficavam sendo escravos da gleba ; homens do bispo compravam-lhe o amparo á custa de duros tributos. O clero inferior seguia o exemplo dos bispos. A ignorancia, as violencias, as devassidões ultrapassavam todos os limites. Não era com taes padres que a auctoridade pontificia podia contar para levar a cabo a sua grande empreza de conquista universal. Os bispos revoltavam-se contra os reis, mas tambem se ligavam contra os papas. Era a época de Thomaz Beckett, mas tambem era a do Hincmar, de Arnulfo e dos Concilios nacionaes. Gregorio VII pretendendo moralisar o

clero, disciplinal-o, submettel-o, encontrou universal resistencia: o seu character de ferro não cedeu, mas teve de socorrer-se do monachismo.

Os monges não pertenciam primitivamente á ordem clerical. E no que d'elles dizem os Santos Padres ha mil contradicções. Ora os reputam typos de pureza angelica e exaltam sobre ponto o ascetismo; ora unindo-se aos philosophos, pintam-os como fautores de sedicções, supersticiosos ignorantes, perigosos fanaticos.

Estas contradicções explicam-se. Os bispos amavam os monges em quanto as censuras d'estes não lhes diziam respeito. Não era o ardor com que propalavam a devoção pelas imagens, e pelas reliquias, e seu enthusiasmo pelas lendas miraculosas que lhes repugnava; era o seu zelo indocil que os amedrontava. De facto o clero temia os monges, e procurava submettel-os a si pela disciplina; os monges ambitionavam entrar na cleresia. Uma transacção operou-se. Quasi todos os monges receberam ordens sacras, e os abbades dos mosteiros elevaram-se ao episcopado. Mas o monachismo assim submettido pela disciplina degenerava das suas primitivas virtudes; participava dentro em pouco da corrupção geral. Era mister crear novas *ordens* ou reformar as que já existiam. Baldado esforço. As ordens novas ou reformadas tinham prestimo e voga algum tempo; mas com essa mesma voga enriqueciam e em breve iam cahir no abysmo. Nisso se ciffra toda a historia das instituições monasticas. Nascem fecundas e sãs, depois degeneram e arrastam torpe existencia; succedem umas ordens após outras, mas todas com o mesmo destino.

Os fructos que de cada uma colheu a civilisação não foram porém os mesmos.

O monachismo desde o principio libertou o trabalho; o trabalho deixou de ser o distinctivo da escravidão; os monges trabalharam primeiro para se livrarem dos perigos do ocio, depois para grangearem o sustento, finalmente, para arrotearem as terras, desbravarem os campos, e até para conservarem os archivos da antiga civilisação, copiando os manuscriptos. Fundavam-se escolas; dilatavam-se até certo ponto os dominios da sciencia. A erudição das congregações benedictinas é notoria. Aos franciscanos coube mais particularmente instituir hospitaes, misericordias, ordens terceiras, associações economicas e de previdencia. Aos dominicanos regularam a intolerancia religiosa, criando a ominosa Inquisição. E acima de todas as ordens, compendio de todas, os Jesuitas primam no seu zelo pela obediencia passiva e a sua dedicação pelo papa.

Qual era o fim da Companhia de Jesus? — Entregar a sociedade manietada á discripção do Summo pontifice. Qual era o seu meio de acção? — Não era o emprego da força, nem do prestigio da opulencia, nem os attractivos das pompas exteriores; era um poder todo interno que solapadamente avassallava as consciencias; — era a terrivel confissão auricular.

Se Gregorio VII e Loyola tivessem sido contemporaneos, a victoria de Roma era certa e definitiva. Felizmente entre o frade de Cluny e o discipulo da Sorbonna, entre o plebeu allemão e o fidalgo castelhano medeiam quatro seculos; e digo *felizmente* porque a victoria de Roma pela confissão auricular teria sido um mal. A' pri-

meira vista parece que não. A confissão auricular tem os encantos que no principio d'esta obra mostramos na fé e ainda realçados pela sancção da mais pura moral.

Do berço á sepultura o homem é attrahido pelo poder dos affectos, unicas flôres que lhe esmaltam a existencia; mas á medida que se adianta no caminho da vida, as flôres murcham e fenecem; os affectos se lhe desprendem da alma, tudo degenera e se corrompe.

A bellissima pintura que Bichat nos traça da *morte natural* não é um quadro fantastico; os toques colheu-os em torno de si, divisou-os nos homens que se agitavam e viviam no ambiente accessivel á sua atilada observação. Com o correr dos annos o fogo das paixões extingue-se. Essas suaves expansões da amizade, esse ardor de afagos, esses doces enlevos de ternura e de amor hão de cessar. Laços de parentesco, amizade, amores tudo morre; sobre as suas ruinas permanece só o melancholico egoismo.

E' por isso que se não deve collocar o Summo Bem n'esses vaivens das paixões que se degladiam e corrompem, observam os moralistas, não só os christãos, mas melhor que todos os outros os christãos, e entre esses S. Thomaz com notavel vigor e proficiencia.

Só em Deus póde existir o Summo Bem, diz o doutor angelico, porque só n'elle póde dar-se para a alma a plenitude do gozo e da satisfação. Ora no tribunal da penitencia a alma desprende-se do mundo, e prepara-se para se unir a Deus: aproximando-se da santa meza realisa essa união. Que jubilos para uma alma devota! Ainda sobre a terra, pela efficacia d'essa mysteriosa com-

munhão, vôa aos céos e se mistura com os coros d'anjos que cercam o throno do Altissimo.

Mas, desgraçada! antes de o padre vos deitar a absolvição já a voz da consciencia vos havia proclamado innocente; antes de tomardes a sagrada particula já com o proposito firme de vos emendar havieis recebido a *graça santificante*. Sem esse estimulo interno, sem a voz da consciencia as exterioridades nada valem, são até nocivas.

E' pois a essa voz sobretudo que se deve attender. Ora quando se confessa o penitente, submette a sua razão, a sua consciencia ás asserções, aos conselhos de um padre. Abafa a inspiração divina que lhe brada na alma, para a escravisar a um homem fallivel como elle tambem. Cuida exaltar-se pela humildade a Deus e precipita-se pela *obediencia passiva* na abjecção. As ordens de um perverso pódem transformar um constricto em um malvado. Entre o desprendimento do mundo requerido no confissionario, e a absolvição do padre podem estar todo o genero de torpezas e devassidões, todos os horrores de um sanguinario fanatismo; estará talvez o punhal de Jacques Clément.

O socego da consciencia que procuram na absolvição de um padre deve cada um achal-o em si. Os remorsos cessam com a firme resolução de trilhar a senda da virtude.

O preceito dos moralistas que não devemos collocar a ventura nas caducas fruições das paixões nos indica a regra a seguir. Não se soffoquem os affectos que são a essencia da felicidade; mas moderem-se, regulem-se pela noção do dever. Mediante a noção do dever a nossa

vida adquire uma significação superior ; as nossas paixões collocadas em seu verdadeiro logar, harmonisadas entre si, assumem uma natureza mais estavel e não receiam ja as vicissitudes da fortuna nem o intorpecimento da velhice.

Pela força dessa divina noção cumpre-nos retemperar-nos a alma, não pelo exame de consciencia dos *manuaes de confissão*, affeioado pela *casuistica*. Interrogando o penitente o padre tem diante de si uma resenha dos *peccados* e dos *casos da consciencia*. Assim a confissão auricular produz a *casuistica* ; e as torpezas dos livros dos casuistas não são desculpadas, como pretende Cantu, pelas necessidades da confissão auricular, antes põem em relevo os inconvenientes della.

Encheríamos paginas se pretendessemos discutir as funestas consequencias da Confissão auricular ha muito condemnada perante o tribunal da razão e da lei moral.

Se a confissão auricular é o producto pratico da moral christã, a *casuistica* deve ser o resultado theorico dessa moral ; como é que a moral christã produziu a *casuistica*? E' o que passamos a mostrar.

O evangelho não offerece systema algum de moral.

E' constante e unicamente uma prédica sublime do amor de Deus e do amor do proximo ou antes do amor de Deus definido pelo amor do proximo. Se durante o sacrificio, diz o Christo, vos lembrardes estar em desavença com o vosso irmão ; ide reconciliar-vos e depois completareis o sacrificio.

Que codigo póde haver, por mais extenso e profundo que seja, que valha esse divino preceito? — No dizer

dos evangelhos Jesus ensinou-nos a orar: a oração dominical tão entranhada nas nossas praticas é o modelo que elle nos deixou. Mas o philosopho divisa n'ella elementos supersticiosos ¹; o erudito decompõe-a em formulas rabbinicas ².

Nas epistolas de S. Paulo ha mais minuciosos preceitos, mas todos adaptados ao momento presente. S. Paulo semelha a um general que no campo da batalha tem inspirações sublimes, as quaes pedantes escriptores desfiguram convertendo em *regras de arte*, as mais das vezes sem valor.

Nos escriptos dos SS. Padres, ainda nos que versam mais sobre a vida pratica, tambem não se nota systema algum racional. Existindo em uma época de decadencia intellectual, n'elles devia, em conformidade com as leis da evolução litteraria tão admiravelmente traçada pelo genio de Hegel, predominar o espirito da satyra; são os verdadeiros continuadores de Persio e de Juvenal; em suas homilias tem menos que apprender o moralista do que o poeta comico e o epigrammatico.

O tractado dos deveres de S. Ambrosio não tem a vastidão de idéas do tractado de Cicero, que ainda assim não apresenta um corpo regular de doutrina. O *Pedagogo* de S. Clemente Alexandrino é uma collecção de maximas e anedotas sem nexos como as *Stromatas*. Nos SS. Padres vê-se muito mysticismo, muita declamação, mas não um verdadeiro tractado de moral. Um unico

1. Renan, na sua «Vida de Jesus», traduz, em lugar de livrae-nos do mal, livrae-nos do máo, isto é, do «demonio.» E de feito, no texto do original grego, vem «pone-rou» e não «kakou.» Kant tenta inutilmente conciliar a oração dominical com o seu systema de religião natural.

2. Vide Lighfoot. — «Horæ hebraicæ.» — O Christo clamava contra o orar palavroso dos phariseus comparavel ás rezas actuaes dos catholicos; a legenda attribuiu-lhe o typo da oração que nós repetimos sem lhe examinar as perfeições.